

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

EDNÉIA BENTO DE SOUZA FERNANDES

**TOPONÍMIA DOS BAIRROS DE GUAJARÁ-MIRIM EM PERSPECTIVA
BILÍNGUE LIBRAS E PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE FORMAL E SEMÂNTICO-
MOTIVACIONAL**

**CÁCERES-MT
2025**

EDNEIA BENTO DE SOUZA FERNANDES

**TOPONÍMIA DOS BAIRROS DE GUAJARÁ-MIRIM EM PERSPECTIVA
BILÍNGUE LIBRAS E PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE FORMAL E SEMÂNTICO-
MOTIVACIONAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa.

**CÁCERES-MT
2025**

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

F363t Fernandes, Ednéia Bento de Souza.

Toponímia dos bairros de Guajará-Mirim em perspectiva bilíngue LIBRAS e português: uma análise formal e semântico-motivacional / Ednéia Bento de Souza Fernandes. - Cáceres, 2026. 109f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".
Orientador: Alexandre Melo de Sousa.

1. Toponímia bilíngue. 2. LIBRAS. 3. Motivação toponímica. I. Sousa, Alexandre Melo de. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 81?221.24

EDNÉIA BENTO DE SOUZA FERNANDES

**TOPONÍMIA DOS BAIRROS DE GUAJARÁ-MIRIM EM PERSPECTIVA
BILÍNGUE LIBRAS E PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE FORMAL E SEMÂNTICO-
MOTIVACIONAL**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
Orientador – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Rodrigo Santana Silva
Examinador Interno – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Jocineide Macedo Karin
Examinadora Interna – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. André Nogueira Xavier
Examinador Externo – UFPR

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro
Examinador Externo - UFT

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

DEDICATÓRIA

A Deus, razão de toda busca, prazer da descoberta.

Aos meus pais, pelo amor incondicional.

Ao meu esposo e filhos, pelo que fomos e sempre seremos.

Ao meu orientador, professor Dr. Alexandre Melo de Sousa, por ser sempre essa luz no fim do túnel... um presente de Deus na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo fôlego de vida, pelas leituras e pelas escritas.

Ao meu orientador, professor Alexandre Melo de Sousa, pelas palavras de incentivo, pelo afeto e zelo exemplar, nas orientações, correções e pelo direcionamento desta pesquisa. Sou imensamente grata a Deus pela sua presença em minha vida.

Israel Queiroz você é um anjo! Obrigada pela generosidade e inestimável contribuição nos resultados desta tese.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT), pela oportunidade de realizar este curso de doutorado.

Aos professores Dr. André Nogueira Xavier, Dr. Rodrigo Santana Silva, Dra. Jocineide Macedo Karin, Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro por aceitarem compor a banca de defesa desta pesquisa e pelas valiosas contribuições que, certamente, colaborarão significativamente para o aprimoramento deste trabalho.

À minha família por todo apoio, torcida e compreensão pelas ausências no percurso deste doutoramento.

Aos amigos que fiz no Centro de Hermenêutica do Presente.

À Universidade Federal de Rondônia, pelo espaço de crescimento e desenvolvimento humano que me foi oferecido ao longo da trajetória acadêmica.

Aos grupos Geifa Brasil e Geifa Bolívia, pela oportunidade de vivenciar as multiformas de vida na fronteira.

Zuila Cova Santos, você é uma inspiração. Às vezes, chega a me tirar o fôlego. Você representa, para mim, o exemplo da boa luta na fronteira e na Universidade. Obrigada por mostrar o caminho. Fronteirizar é preciso.

Querida Luanna Freitas Jhonson, que me apresentou o amigo Vigotski, que sejamos sempre amigas e irmãs nas pautas do bem.

À minha parceira de lutas, Caroline Reis: você é um pouco filha, muito amiga, inspiração e orgulho sem medidas. Obrigada por sua presença constante.

À comunidade surda de Porto Velho, pela amizade construída desde a juventude até os dias de hoje nas idas e vindas da vida.

Aos membros da linha de pesquisa *Cartografias das Línguas de Sinais na Fronteira Guajará-Mirim* — às participantes surdas Franciene, Suziane e Daiane, e às/os ouvintes Caroline Reis, Ana Kely, Lucimara — por embarcarem comigo neste grande sonho.

Às minhas ex-alunas surdas Franciene Moura, Suziane Viriato e Daiane Furtado: vocês me ensinaram a perceber os espaços de diferença da pessoa surda na fronteira. Caminharam comigo na busca de entendimento do que é a polifonia silenciadora da fronteira, essa percepção se faz presente nesta tese. Nada disso teria sido possível sem a presença de vocês. Teria sido outra — e talvez a já estabelecida — percepção sobre a língua de sinais e sobre os sujeitos surdos. Entrego a vocês os frutos e os méritos do impacto que esta contribuição venha a causar na vida de outros surdos que habitam a fronteira da linguagem, da cultura e da educação. Porque, afinal, sabemos que o início de toda fronteira é feito de carne e osso.

“O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano”
(Isaac Newton)

RESUMO

A presente pesquisa de doutorado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), na linha de concentração *Estudos dos Processos e Práticas Sociais da Linguagem*, tem por objetivo analisar os topônimos dos bairros de Guajará-Mirim (fronteira Brasil-Bolívia), em perspectiva bilíngue (Libras e português), considerando suas dimensões formais e motivacionais. Inserida no campo da Onomástica, particularmente na subárea da Toponímia, esta investigação busca compreender as relações entre língua e cultura presentes nas nomeações urbanas, partindo da seguinte questão central: quais as características formais e semântico-motivacionais dos topônimos em Libras e em português que denominam os bairros de Guajará-Mirim, cidade situada na fronteira entre o Brasil e a Bolívia? O estudo apoia-se teoricamente em Dick (1990, 1992), Sousa (2019, 2022, 2023), Quadros (2019) e Taub (2001), articulando fundamentos da Toponímia e da Iconicidade em Libras. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa e de caráter descritivo-explicativo. A coleta dos dados foi realizada a partir de duas fontes principais: (i) o mapa urbano de Guajará-Mirim, de onde se extraiu o conjunto dos topônimos em português; e (ii) o canal *Dicionário de Libras – Pedagogia e Letras – Librando* (YouTube), que disponibiliza os sinais correspondentes aos nomes dos bairros em Libras. Os resultados indicaram que as motivações toponímicas são diferentes nas duas línguas. Nos topônimos em Libras, observou-se uma forte influência dos registros escritos em português, manifestada na utilização de configurações de mão que remetem às letras iniciais dos nomes, revelando um processo de contato linguístico. Já nos topônimos em português, as motivações de caráter religioso mostraram-se predominantes, evidenciando a presença de valores históricos e culturais fortemente vinculados à colonização e à tradição católica na região amazônica. Quanto à formação, verificou-se que tanto os topônimos em português quanto os correspondentes em Libras apresentam, majoritariamente, estrutura simples. A análise revelou, ainda, que os sinais toponímicos em Libras não são meros calques dos nomes em português, mas reconfigurações simbólicas que integram processos de visualização, iconicidade e bilinguismo, evidenciando a agência linguística e cultural da comunidade surda local. Conclui-se que a nomeação dos bairros de Guajará-Mirim, em suas duas línguas, reflete aspectos estruturais e semântico-motivacionais próprios da língua portuguesa e da Libras. Assim, a pesquisa contribui para os estudos da Toponímia em contextos bilíngues e para a valorização da Libras como língua de expressão toponímica, ampliando a compreensão da relação entre língua, espaço e cultura.

Palavras-chave: Toponímia bilíngue; Libras; português; motivação toponímica.

ABSTRACT

This doctoral research, developed within the Graduate Program in Linguistics at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), in the area of concentration *Studies of the Processes and Social Practices of Language*, aims to analyze the toponyms of the neighborhoods of Guajará-Mirim (Brazil–Bolivia border) from a bilingual perspective (Brazilian Sign Language—Libras—and Portuguese), considering their formal and motivational dimensions. Situated in the field of Onomastics, particularly in the subarea of Toponymy, this investigation seeks to understand the relationships between language and culture present in urban naming practices, guided by the following central question: what are the formal and semantic-motivational characteristics of the toponyms in Libras and in Portuguese that name the neighborhoods of Guajará-Mirim, a city located on the border between Brazil and Bolivia? The study is theoretically grounded in Dick (1990, 1992), Sousa (2019, 2022, 2023), Quadros (2019), and Taub (2001), articulating foundations of Toponymy and Iconicity in Libras. It is a basic research study, with a qualitative approach and a descriptive-explanatory character. Data collection was carried out from two main sources: (i) the urban map of Guajará-Mirim, from which the set of toponyms in Portuguese was extracted; and (ii) the YouTube channel *Dicionário de Libras – Pedagogia e Letras – Librando*, which provides the signs corresponding to the neighborhood names in Libras. The results indicated that toponymic motivations differ in the two languages. In the Libras toponyms, a strong influence of written records in Portuguese was observed, manifested in the use of hand configurations that refer to the initial letters of the names, revealing a process of language contact. In the Portuguese toponyms, religious motivations proved to be predominant, highlighting the presence of historical and cultural values strongly linked to colonization and Catholic tradition in the Amazon region. Regarding formation, it was found that both the Portuguese toponyms and their Libras counterparts predominantly exhibit a simple structure. The analysis further revealed that the toponymic signs in Libras are not mere calques of the Portuguese names, but symbolic reconfigurations that integrate processes of visualization, iconicity, and bilingualism, evidencing the linguistic and cultural agency of the local Deaf community. It is concluded that the naming of the neighborhoods of Guajará-Mirim, in both languages, reflects structural and semantic-motivational aspects specific to Portuguese and to Libras. Thus, the research contributes to Toponymy studies in bilingual contexts and to the valorization of Libras as a language of toponymic expression, expanding the understanding of the relationship between language, space, and culture.

Keywords: bilingual toponymy; Libras; Portuguese; Brazil–Bolivia border; toponymic motivation.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1	Toponímia e interdisciplinaridade	26
Figura 2	Capa do Dossiê Toponímia em Libras	33
Figura 3	Capa da obra Toponímia em Libras	34
Figura 4	Estrutura dos sinais toponímicos	36
Figura 5	Tipos de formações do termo específico	37
Figura 6	Iconicidade na perspectiva de Taub (2001)	41
Figura 7	Sinal RIO BRANCO	42
Figura 8	Sinal BRASILÉIA	43
Figura 9	Sinal MÂNCIO LIMA	45
Figura 10	Localização de Guajará-Mirim no estado de Rondônia	48
Figura 11	Mapa do Brasil contextualizando Guajará-Mirim	51
Figura 12	Bairros de Guajará-Mirim	52
Figura 13	Ficha Lexicográfica-Toponímica de GUAJARÁ-MIRIM	59
Figura 14	Descrição dos parâmetros Sinal 10 DE ABRIL	63
Figura 15	Descrição dos parâmetros Sinal CAETANO	64
Figura 16	Descrição dos parâmetros Sinal CENTRO	65
Figura 17	Descrição dos parâmetros Sinal CRISTO REI	66
Figura 18	Descrição dos parâmetros Sinal FÁTIMA	67
Figura 19	Descrição dos parâmetros Sinal JARDIM DAS ESMERALDAS	68
Figura 20	Descrição dos parâmetros Sinal LIBERDADE	69
Figura 21	Descrição dos parâmetros Sinal NOSSO SENHORA APARECIDA	70
Figura 22	Descrição dos parâmetros Sinal PLANALTO	72
Figura 23	Descrição dos parâmetros Sinal PRÓSPERO	73
Figura 24	Descrição dos parâmetros Sinal SANTA LUZIA	74
Figura 25	Descrição dos parâmetros Sinal SÃO JOSÉ	75
Figura 26	Descrição dos parâmetros Sinal SERRARIA	76
Figura 27	Descrição dos parâmetros Sinal SANTO ANTÔNIO	77
Figura 28	Descrição dos parâmetros Sinal TAMANDARÉ	78
Figura 29	Descrição dos parâmetros Sinal TRIÂNGULO	80
Figura 30	Formações toponímicas em Libras	82
Figura 31	Formações toponímicas em Português	82
Figura 32	Motivações toponímicas em Libras	83
Figura 33	Motivações toponímicas em Libras	84
Quadro 1	Sinais em Libras dos bairros de Guajará-Mirim	58

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CGM	Campus de Guajará-Mirim
DACE	Departamento Acadêmico de Ciências da Educação
GEIFA	Grupo de Estudos Interdisciplinares da Fronteira Amazônica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LE	Língua Estrangeira
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LL	Letras Libras
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Linguística
RO	Rondônia
TILSP	Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais - Português
UNEMAT	Universidade Estadual do Mato Grosso
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. ONOMÁSTICA E TOPONÍMIA EM LIBRAS	21
1.1 O ato de nomear e a geração do léxico	21
1.2 A onomástica e suas subáreas	25
1.2.1 Antroponímia	28
1.2.2 Onionímia	28
1.2.3 Teonímia	29
1.2.4 Zoonímia	30
1.2.5 Toponímia	30
1.3 Aspectos formais e semânticos – motivacionais em Libras	35
1.3.1 Aspectos formais dos topônimos	36
1.3.2 Aspectos Semânticos – motivacionais	38
1.3.3 Iconicidade.	40
1.3.4 Empréstimos linguísticos	44
2. GUAJARÁ-MIRIM – ÁREA DE ESTUDO	48
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS	55
3.1 Caracterização Geral da pesquisa	55
3.2 Os dados: Seleção e armazenamento	57
3.3 Procedimentos de análises	60
3. A TOPONÍMIA DE GUAJARÁ-MIRIM: ANÁLISE DOS DADOS	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS – FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS	94

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa insere-se no campo da Linguística, vinculando-se à linha de concentração *Estudos dos Processos e Práticas Sociais da Linguagem*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). O objetivo geral deste estudo é analisar os topônimos dos bairros de Guajará-Mirim (fronteira Brasil-Bolívia), em perspectiva bilíngue (Libras e português), considerando suas dimensões formais e motivacionais. Inserida no campo da Onomástica, particularmente na subárea da Toponímia, esta investigação busca compreender as relações entre língua e cultura presentes nas nomeações urbanas.

A escolha por esse objeto de investigação está profundamente entrelaçada com minha trajetória pessoal e profissional no campo da educação de surdos, iniciada em 2001, ao término da graduação. Desde então, a busca por aprofundamento teórico e prático na área foi constante, embora marcada por desafios decorrentes da carência de formação específica disponível em minha região de atuação. Em 2004, dei início à elaboração de um projeto para oferta de cursos básico e intermediário de Libras na Escola do Legislativo, com a colaboração de um professor surdo. Com o apoio de uma colega de trabalho, conseguimos viabilizar e implementar o projeto, ampliando o acesso à Libras para a comunidade local.

No entanto, a oportunidade de consolidar o aprendizado da Libras foi interrompida em 2005, quando fui nomeada professora da rede estadual de ensino de Rondônia e transferida para o município de Nova Mamoré. Atuando em escolas das zonas urbana e rural, mantive o interesse em compreender as necessidades educacionais dos alunos surdos e contribuir para sua inclusão escolar. Contudo, a escassez de recursos didáticos e a ausência de políticas públicas voltadas à formação continuada de professores representaram obstáculos significativos à efetivação de práticas pedagógicas inclusivas.

Movida pela insatisfação com os limites impostos à minha atuação profissional, retomei em 2014 os esforços por qualificação específica para o atendimento educacional especializado, com foco nas demandas de estudantes surdos em contextos rurais. No ano seguinte, já residindo em Porto Velho, ingressei simultaneamente no Mestrado em Letras e na graduação em Letras-Libras. Essas formações ampliaram significativamente minha compreensão da Libras e me credenciaram a concorrer a uma vaga no serviço público federal como Tradutora e Intérprete de Libras – Língua Portuguesa (TILSP), sendo lotada no Campus de Guajará-Mirim da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Nesse contexto, além de atuar como intérprete,

ministrei cursos de extensão e passei a acompanhar de perto o cotidiano acadêmico de estudantes surdas em uma região de fronteira cultural e linguística.

Entre os anos de 2019 e 2023, exerci, de forma voluntária, as funções de TILSP e professora credenciada no ensino superior. Nesse período, fundamos o grupo informal de estudos “Cartografia das Línguas de Sinais na Fronteira”, composto por surdas e ouvintes engajadas em ações formativas, eventos científicos e cursos de extensão. Como fruto desse trabalho coletivo, fomos convidadas a publicar na revista *Culturas & Fronteiras* e passamos a integrar uma linha de pesquisa vinculada ao GEIFA — Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas.

O GEIFA, sediado no Departamento de Ciências da Educação (DACE) do Campus de Guajará-Mirim, articula-se em três linhas de pesquisa: (1) espaços escolares, identidades, interculturalidades, inclusão, migração, representações e formação docente em contextos de fronteira; (2) desenvolvimento humano e processos educacionais à luz da perspectiva histórico-cultural; e (3) articulação dessas abordagens com os estudos linguísticos, com o objetivo de mapear e registrar as línguas de sinais em circulação na região, valorizando as práticas comunicativas e culturais de sujeitos surdos.

A toponímia em Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem ganhado espaço nos estudos linguísticos nas últimas décadas, revelando-se como campo fértil para compreender os processos de nomeação de lugares a partir da perspectiva da comunidade surda. As pesquisas recentes apresentam um panorama diversificado e em expansão, contemplando abordagens etnográficas, lexicográficas, socioculturais e descritivas em diferentes regiões do Brasil e em temas específicos. A seguir, são apresentadas e analisadas individualmente as principais contribuições acadêmicas recentes.

Chaibue (2022) desenvolveu uma pesquisa descritiva com base etnográfica voltada para os sinais onomásticos em Libras (topônimos e antropônimos) na cidade de Formosa, no estado de Goiás. A pesquisa teve como foco o levantamento, registro e análise de sinais que nomeiam lugares e pessoas, a partir da participação de 13 membros da comunidade surda local (10 surdos e 3 ouvintes). Os sinais foram analisados quanto à formação morfológica (simples ou compostos), à forma (nativos, inicializados ou soletrados) e à motivação (icônica – material ou cultural – e motivação ligada à língua portuguesa – grafia ou calque). Enquanto as categorias morfológicas e formais são mutuamente exclusivas, as motivações podem ser acumulativas. O estudo resultou em um corpus de 32 topônimos e teve como principal contribuição a valorização dos aspectos culturais locais e o fortalecimento da visibilidade da comunidade surda de Formosa.

Souza (2023) investigou o léxico toponímico do estado de Goiás em Libras, com o objetivo de descrever e analisar os sinais que nomeiam cidades goianas. O estudo utilizou entrevistas com surdos residentes no estado e material didático sobre Libras como fontes para a construção de um corpus primário. A pesquisa organizou os dados em três subcorpora: transcrição em português das entrevistas, descrição fonético-fonológica dos sinais e etiquetagem dos topônimos. A análise utilizou a ferramenta *WordSmith Tools* (versão 6.0), evidenciando a influência da língua portuguesa no processo de nomeação por meio de empréstimos linguísticos. A pesquisa também traçou um estudo contrastivo entre o português e a Libras, destacando a predominância de motivações antropoculturais na nomeação. Como produto, foi criada uma ficha lexicográfica toponímica bimodal para organização dos dados. A contribuição central do trabalho reside na demonstração da viabilidade da Linguística de Corpus aplicada à Libras.

Douettes (2023) ampliou o escopo da toponímia em Libras ao abordar a toponímia bíblica em diferentes línguas de sinais. O objetivo principal foi levantar e analisar sinais que nomeiam cidades e locais sagrados mencionados na Bíblia, com foco em regiões da Europa, Oriente Médio, África e América do Sul (incluindo o Brasil). Foram coletados sinais a partir de glossários e dicionários em línguas de sinais, bem como manuais religiosos em Libras, como *O Clamor do Silêncio* (1991) e o *Manuário de Sinais Bíblicos* (2015). A análise incluiu a motivação linguística dos sinais (conceitual, histórica, cultural, topográfica e icônica), culminando na catalogação de 74 topônimos bíblicos. Os resultados dialogam com a Linguística, a Teologia e os Estudos Culturais, contribuindo para a valorização da comunicação em Libras no contexto religioso e para a ampliação do léxico religioso sinalizado.

Pereira (2025) analisou os topônimos em Libras referentes às cidades de Rondônia. A pesquisa teve como objetivos descrever as formações morfológicas dos sinais, identificar motivações, descrever elementos icônicos e a influência do português, e quantificar os dados. Foram selecionados 52 sinais, organizados em fichas toponímicas. O estudo apontou uma presença significativa de influências icônicas e da língua portuguesa na criação dos sinais, revelando como a visualidade e a cultura escrita interagem na formação lexical em Libras. A pesquisa destaca-se por seu caráter quantitativo e pelo mapeamento detalhado da toponímia estadual.

Ferreira (2025) voltou-se ao estado do Paraná, com o objetivo de investigar a motivação, a morfologia e a variação dos sinais que nomeiam os municípios paranaenses em Libras. Os dados foram coletados por meio de entrevistas presenciais e remotas com surdos vinculados a associações, CAS e pastorais. Os resultados indicaram que 52% dos participantes desconhecem

a motivação dos sinais, enquanto 48% têm hipóteses sobre ela — com predominância de sinais com uma única motivação. A morfologia mostrou-se dividida entre sinais nativos (53%) e híbridos (47%). Em relação à variação, a mais frequente foi a lexical (49%), seguida pela fonológica (37%) e morfológica (11%). Um marco importante do trabalho foi ser a primeira tese integralmente produzida em vídeolibras, valorizando a Libras como língua de produção acadêmica.

Xavier (2025) investigou os sinais que nomeiam os municípios de Mato Grosso em Libras, analisando suas estruturas linguísticas, motivações semânticas e funções comunicativas, sobre a perspectiva da toponímia em línguas de sinais. A pesquisa qualitativa e descritiva examinou 106 sinais toponímicos coletados pelo CAS/MT, documentando parâmetros linguísticos, mecanismos de iconicidade e empréstimos do português. Os resultados mostram que 63% dos sinais apresentam empréstimos linguísticos (inicialização, calque ou transsemióticidade) e 37% são nativos. Entre as motivações, predominam os grafematopônimos (65,61%), seguidos de zootopônimos e sinais com motivação opaca (7,6% cada), ergotopônimos (6,6%), hidrotopônimos e mimetopônimos (4,4%), fitotopônimos (3,3%) e outras categorias. Conclui-se que a toponímia em Libras reflete a interação entre língua, cultura e território, funcionando como registro da história e identidade surda e fortalecendo a valorização da Libras como língua plena e culturalmente situada.

Na perspectiva bilíngue, Marins (2024) investigou os topônimos que designam unidades de saúde em Feira de Santana (BA) em português e em Libras. A pesquisa utilizou dados da Secretaria Municipal de Saúde, do DataSUS e da Associação de Surdos local, com base teórica nos estudos lexicológicos e toponímicos clássicos. A análise resultou na criação da categoria "mimetopônimo" — topônimos que mimetizam aspectos visuais ou funcionais dos lugares — e na reflexão sobre a acessibilidade de surdos ao sistema de saúde. Como produto, foi desenvolvido o site TopoLibras, com o intuito de sistematizar e divulgar os dados. A contribuição da pesquisa está na articulação entre linguagem, saúde e inclusão social, além de contribuir para os estudos toponímicos baianos.

Jesus (2025) realizou um estudo bilíngue voltado para os topônimos que designam terreiros de religiões de matriz africana no Recôncavo da Bahia. A pesquisa partiu de um corpus de 420 terreiros registrados pelo IPHAN e pela SEPROMI, dos quais 150 possuíam sinais registrados em Libras. A análise considerou os aspectos formais e motivacionais dos sinais tanto em português quanto em Libras, dialogando com os campos da toponímia, dos estudos afro-brasileiros e da cultura surda. A pesquisa culminou na criação do site Ilêtopônimo, que reúne os dados em uma plataforma acessível. A contribuição principal está na valorização do

léxico religioso-afro-brasileiro em Libras e na promoção da visibilidade das comunidades surdas no contexto das religiões afro-brasileiras.

Ferreira (2025b), em um projeto de escopo estadual, analisou os sinais toponímicos que nomeiam os 417 municípios da Bahia. A pesquisa investigou os processos motivacionais envolvidos na criação desses sinais, documentando tanto os já existentes quanto os municípios que ainda não possuem sinal correspondente. O estudo dialoga com pesquisas anteriores em toponímia em português e produziu como resultado o site Libras Bahia e um canal no YouTube, ambos bilíngues e voltados à divulgação dos sinais catalogados. A proposta contribui para o fortalecimento da Libras no campo lexicográfico e para a valorização da diversidade linguística e cultural da Bahia.

Numa abordagem aplicada ao ensino da toponímia em Libras, Santos Junior (2025) investigou como o planejamento colaborativo e bilíngue de docentes surdos influencia a elaboração de propostas pedagógicas para o ensino de Toponímia, considerando aspectos linguísticos, culturais e metodológicos da educação de surdos. O estudo, de abordagem pesquisa-ação, envolveu quatro professores surdos de Rio Branco (AC). A proposta didática sobre toponímia em Libras foi desenvolvida e aprimorada em oficinas colaborativas. Os resultados revelam que a versão final incorporou práticas que fortalecem o protagonismo e a autonomia docente surda, integrando interdisciplinaridade e princípios da Linguística Aplicada crítica. Houve ênfase em elementos visuais e culturais da comunidade surda, favorecendo abordagens pedagógicas mais significativas e contextualizadas. O pesquisador concluiu que o planejamento colaborativo entre pares surdos potencializa a educação bilíngue, valoriza a Libras como língua de instrução e contribui para práticas educativas inclusivas, culturalmente sensíveis e socialmente transformadoras.

A análise das teses de Doutorado desenvolvidas entre 2022 e 2025 revela um amadurecimento significativo dos estudos toponímicos em Libras e em perspectiva bilíngue no Brasil. Há uma ampliação tanto geográfica, com pesquisas contemplando diferentes estados e regiões (Acre, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Rondônia), quanto temática, com abordagens voltadas a contextos religiosos, urbanos, bíblicos e institucionais. As metodologias utilizadas variam entre etnografia, linguística de corpus, análise lexicográfica e métodos descritivo-quantitativos, refletindo um campo interdisciplinar e dinâmico.

As motivações para a nomeação em Libras revelam-se múltiplas: icônicas, culturais, históricas, religiosas, funcionais e influenciadas pela língua portuguesa, apontando para a riqueza semântica e a complexidade do processo de nomeação visual-espacial.

As pesquisas também se destacam pelo investimento em produtos acessíveis e voltados à divulgação científica para a comunidade surda, como sites, fichas lexicográficas, vídeos e canais bilíngues. Projetos como *TopoLibras*, *Ilêtopônimo* e *Libras Bahia* são exemplos de práticas acadêmicas inclusivas e colaborativas.

Por fim, os estudos aqui apresentados evidenciam que a toponímia em Libras é um campo que promove a valorização da identidade surda, fortalece a Libras como língua de ciência e cultura, e contribui para o reconhecimento da diversidade linguística brasileira.

Na presente pesquisa o foco recai sobre a toponímia bilíngue (Libras e português) de Guajará-Mirim. A pergunta de pesquisa que orienta o desenvolvimento do estudo é: quais as características formais e semântico-motivacionais dos topônimos em Libras e em português que denominam os bairros de Guajará-Mirim, cidade situada na fronteira entre o Brasil e a Bolívia?

Para responder a essa questão, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever características formais dos topônimos dos bairros de Guajará-Mirim em Libras e em português;
- b) analisar as motivações semântico-culturais presentes nos topônimos em Libras e em português, verificando de que modo refletem aspectos históricos, religiosos e culturais da região selecionada.

Defendemos, nesta tese, a seguinte proposição central: A nomeação dos bairros de Guajará-Mirim, em Libras e em português, constitui um fenômeno linguístico e culturalmente significativo que revela, por meio de suas estruturas formais e motivações semântico-icônicas, as relações de contato, identidade e pertencimento que marcam a fronteira Brasil–Bolívia, evidenciando a Libras como língua plena de expressão toponímica e de representação simbólica do espaço.

A estrutura da tese está organizada da seguinte maneira: nesta introdução, foram apresentadas as motivações da pesquisa, a contextualização da temática no âmbito de minha trajetória e os fundamentos teóricos que norteiam a investigação. O Capítulo I aborda a Onomástica, com ênfase na Toponímia, como base teórico-metodológica para o estudo dos sinais toponímicos, articulando esse referencial com os estudos lexicais em línguas de sinais, a partir de autores como Taub (2001), Barros (2018) e Sousa (2021, 2022, 2025). O Capítulo II detalha o percurso metodológico da pesquisa, apresentando os procedimentos de coleta, organização e análise dos dados. O Capítulo III é dedicado à análise dos dados, considerando as categorias previamente estabelecidas. Por fim, nas Considerações Finais, retomamos os objetivos da pesquisa, discutimos os resultados obtidos e apontamos possíveis desdobramentos

teóricos e práticos desta investigação para os campos da Linguística, da Educação de Surdos e dos Estudos Fronteiriços.

1. ONOMÁSTICA E TOPONÍMIA EM LIBRAS

Neste capítulo falamos sobre a Onomástica e a Toponímia em Libras, destacando suas características formais e semântico-motivacionais. Tratamos, ainda, a respeito da iconicidade e dos empréstimos linguísticos na Toponímia em Libras.

1.1 O ato de nomear e a geração do léxico

A construção do léxico de uma língua está intrinsecamente relacionada à experiência humana e aos aspectos culturais de uma comunidade. Como destaca Sousa (2019a), é impossível tratar do léxico sem considerar os elementos culturais que o atravessam. Léxico e cultura são, portanto, inseparáveis, uma vez que o vocabulário de uma língua é produzido a partir das relações estabelecidas entre os membros de uma comunidade linguística. As necessidades comunicativas que emergem das interações sociais, o advento das tecnologias da informação e da comunicação, bem como as manifestações artísticas de um povo, são fatores que contribuem para a expansão lexical. Assim, “reflexos das visões de mundo, dos modos de organização social e da cultura de uma comunidade poderão ser evidenciados no universo lexical desse povo” (Sousa, 2019a, p. 11).

Na mesma perspectiva, Biderman (2001a, p. 13) afirma:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira do percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. [...] A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.

A autora estabelece, assim, uma conexão direta entre a geração do léxico e a experiência humana no mundo. Nomear implica organizar e categorizar a realidade com base em semelhanças percebidas. A partir dessa organização, o ser humano estrutura seu espaço físico, social e simbólico, produzindo palavras que individualizam pessoas, lugares, sentimentos e conceitos diversos. Sousa e Dargel (2020) destacam que o léxico, enquanto componente partilhado culturalmente entre os membros de uma sociedade, constitui um dos níveis linguísticos mais vulneráveis às transformações provocadas por fatores de ordem social, geográfica, ambiental e física. Dessa forma, o léxico torna-se um reflexo das crenças, dos conhecimentos e da realidade vivida por cada indivíduo em seu contexto sociocultural.

De maneira semelhante, Biderman (2001a) observa que o léxico está intimamente relacionado aos significados e conceitos que emergem das experiências humanas com o mundo

ao redor. Para a autora, os conceitos — ou significados — funcionam como formas de organizar cognitivamente os dados sensoriais advindos da experiência. A partir desse processo de organização, surgem categorizações linguísticas que se materializam nos léxicos das línguas naturais. Segundo essa perspectiva, o universo conceitual de uma língua pode ser visto como um sistema estruturado de categorias léxico-gramaticais, e as palavras, por sua vez, seriam os rótulos linguísticos por meio dos quais os indivíduos interagem cognitivamente com seu ambiente.

Essas reflexões reforçam a ideia de que o léxico está profundamente enraizado na cultura, tanto em sua constituição original quanto nas mudanças que sofre ao longo do tempo. A forma como os falantes estruturam e compreendem o mundo à sua volta está diretamente relacionada aos processos interacionais e ao universo conceitual da língua que utilizam.

Ainda segundo Biderman (2001a), o léxico pode ser compreendido como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística construído ao longo da história. Em línguas de civilização, esse conjunto de palavras assume o papel de um acervo cultural abstrato, que inclui tanto os signos herdados quanto os modelos conceituais usados na criação de novas unidades lexicais.

Em uma obra posterior, a autora complementa essa visão ao afirmar que todo sistema lexical é resultado da experiência acumulada de uma sociedade ao longo do tempo, sendo também um reflexo de sua bagagem cultural. Ela destaca que os falantes, como sujeitos ativos, participam da contínua reelaboração e perpetuação do léxico de sua língua. Nesse processo dinâmico, o léxico se expande, se transforma e, por vezes, se reduz, à medida que transformações sociais e culturais produzem alterações no uso vocabular (Biderman, 2001b).

Nesse sentido, Hall (1997) ressalta que “toda ação social é cultural, e que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”. Assim, o léxico deve ser compreendido como um elemento vivo da língua, que acompanha os movimentos sociais, históricos e culturais da comunidade linguística que o utiliza. Para Sousa e Dargel (2020, p. 10), a “linguagem, assim, é o mecanismo pelo qual a cultura sobrevive, e é, ao mesmo tempo, o alimento, o condicionante, a marca, o resultado, ou seja, um produto cultural construído por intermédio da cristalização de uma língua em uma sociedade”.

A dinâmica do léxico se manifesta por meio de diversos fenômenos linguísticos, como a expansão vocabular, a criação de neologismos, as mudanças semânticas, bem como a exclusão ou marginalização de determinadas unidades lexicais — como ocorre com o uso de gírias — e,

por fim, o próprio desaparecimento de certos termos ao longo do tempo. Todos esses movimentos fazem parte do funcionamento natural das línguas.

Nesse sentido, Marcuschi (2004) ressalta que a instabilidade e a mutabilidade são características inerentes à língua, uma vez que ela está profundamente vinculada tanto à cognição quanto ao uso social e discursivo. Para o autor, é nas interações entre os falantes que ocorrem as principais transformações no léxico, sendo esse um processo contínuo e essencial à vitalidade da língua.

Complementando essa perspectiva, Antunes (2012) aponta que a estrutura linguística é formada por dois pilares fundamentais: a gramática e o léxico. Embora a gramática seja indispensável, a autora reforça que o léxico ocupa um papel ainda mais central, pois é constituído pelas palavras que formam a base para toda ação comunicativa. A autora argumenta que, sem o léxico, não há possibilidade de linguagem, já que são as palavras que servem de matéria-prima para a construção dos discursos e interações.

Com base na proposta de Marcuschi, Antunes reforça que justamente a natureza instável da língua é o que permite sua adaptação constante às necessidades comunicativas dos falantes. Essa flexibilidade possibilita a reinvenção e a recriação da língua conforme os contextos e demandas sociais. Nessa lógica, o léxico se configura como um componente que, ao mesmo tempo, segue uma estrutura sistemática e permanece aberto às inovações e mudanças, permitindo o surgimento de novas formas de expressão.

Essa compreensão também se estende às línguas de sinais. Segundo Sousa (2022a), ao considerar a formação lexical em línguas visuais-espaciais, é imprescindível compreender as especificidades da sua constituição. Nesses sistemas linguísticos, os sinais são produzidos principalmente com o uso das mãos, que atuam como articuladores no espaço tridimensional à frente do corpo do emissor. Os sinais são estruturados a partir de parâmetros como configuração das mãos, orientação das palmas, local de articulação, movimento e expressões não manuais, todos organizados conforme os contextos comunicativos.

Além desses aspectos formais, Sousa ressalta que as representações culturais da comunidade surda, especialmente a valorização da visualidade como experiência sensorial dominante, influenciam significativamente a formação dos sinais. Assim, reafirma-se também nas línguas de sinais a estreita relação entre léxico e cultura, demonstrando que o vocabulário é uma construção social moldada pelas vivências, interações e percepções de mundo dos sujeitos que o utilizam.

De modo geral, em qualquer língua, o acervo lexical compreende nomes comuns e próprios (Sousa, 2022a). Os nomes comuns dizem respeito a designações genéricas, enquanto

os nomes próprios individualizam pessoas, lugares, instituições, entre outros. Como afirma Polgère (2016), as línguas são formadas por léxico e gramática – conhecimentos interdependentes que viabilizam a comunicação entre os falantes, formados a partir de modelos sociais e culturais que se refletem nas línguas por meio de experiências, convenções e visões de mundo, tanto individuais quanto coletivas.

Diniz (2013, p. 61) reforça que “toda língua tem sua vida própria e ‘alimenta-se’ a partir da comunicação dos falantes, quando entram em contato com seus pares”. Assim, além das regras gramaticais de combinação entre os signos (unidades lexicais), é essencial considerar os saberes compartilhados e os automatismos desenvolvidos nas interações espontâneas. Em se tratando das línguas de sinais, Sousa (2022b), em diálogo com Biderman (2001, 2018) e Antunes (2007), define o léxico como o conjunto de sinais disponíveis aos falantes, acumulados ao longo do tempo.

Neste estudo, adotamos a definição de sinal apresentada por Johnston e Schembri (1999), que caracterizam o sinal como um ato visual-gestual relativamente estável e reconhecível, portador de um significado consistente compartilhado entre os usuários nativos. Esse significado está associado a parâmetros específicos, como a configuração das mãos, sua orientação, o local onde o sinal é realizado e o tipo de movimento, incluindo a ausência dele. Além disso, esses sinais podem incorporar elementos não manuais, como expressões faciais, movimentos da boca, cabeça ou pescoço, que também contribuem para sua identificação e sentido.

Os sinais, ou “lexemas”, conforme nomeiam os autores, são unidades linguísticas que se distinguem por sua capacidade de serem reconhecidas e reproduzidas de maneira uniforme, mantendo um significado fixo, mesmo quando retiradas do contexto imediato. Nessa mesma linha, Sousa (2022b) aproxima a noção de sinal à da palavra nas línguas orais, sugerindo que elas cumprem funções equivalentes dentro do sistema linguístico.

Complementando essa ideia, Leite (2021) destaca a importância de compreender os “sinais” nas línguas de sinais como tendo o mesmo status verbal das palavras nas línguas faladas. Ela alerta para a necessidade de evitar a confusão entre a significação linguística dos sinais e as interpretações não linguísticas ou gestuais que possam existir fora desse âmbito. Sob a perspectiva de uma semiótica que valoriza a corporeidade, Leite propõe superar a dicotomia tradicional entre línguas orais e línguas de sinais, reconhecendo que, essencialmente, os sinais são palavras manuais, assim como as palavras orais podem ser entendidas como gestos vocais, aproximando ambos os sistemas de comunicação em sua natureza fundamental.

Ainda segundo Lillo-Martin e Gejewsky (2014), as línguas de sinais são línguas naturais, dotadas dos mesmos universais linguísticos que caracterizam as línguas orais. Elas são adquiridas e processadas cognitivamente pelos usuários de forma análoga às línguas faladas, reforçando seu estatuto pleno como sistemas linguísticos.

Para o propósito desta pesquisa, interessa-nos especificamente o universo lexical ligado aos itens onomásticos — ou seja, os nomes próprios e topônimos — que serão abordados a seguir.

1.2 A Onomástica e suas subáreas

A Onomástica é a disciplina linguística dedicada ao estudo dos nomes próprios em suas variadas manifestações, possuindo uma natureza marcadamente interdisciplinar, conforme destacam Sousa e Dargel (2020). Hough (2016) também enfatiza que essa área de estudo transita por diversas disciplinas, o que dificulta a identificação de uma única área principal de enfoque. Embora receba contribuições valiosas de campos como História, Geografia e Antropologia, sua fundamentação teórica e metodológica está solidamente ancorada na Linguística, pois os nomes próprios são, antes de tudo, elementos linguísticos.

Nesse contexto, ainda que a análise de um topônimo exija a consideração de fatores históricos, geográficos ou culturais, a perspectiva linguística permanece como o núcleo central da investigação. Isquierdo (2020) aponta que o repertório lexical de uma língua não só reúne o vocabulário comum que nomeia elementos físicos, humanos e intelectuais do cotidiano, refletindo as formas de percepção e representação da realidade, mas também inclui os nomes próprios de pessoas e lugares. Estes carregam consigo um profundo conteúdo cultural, ideológico, mitológico e referencial. Assim, a função referencial e denotativa dos nomes próprios convive lado a lado com seu valor simbólico e representativo, que traduz uma realidade motivacional.

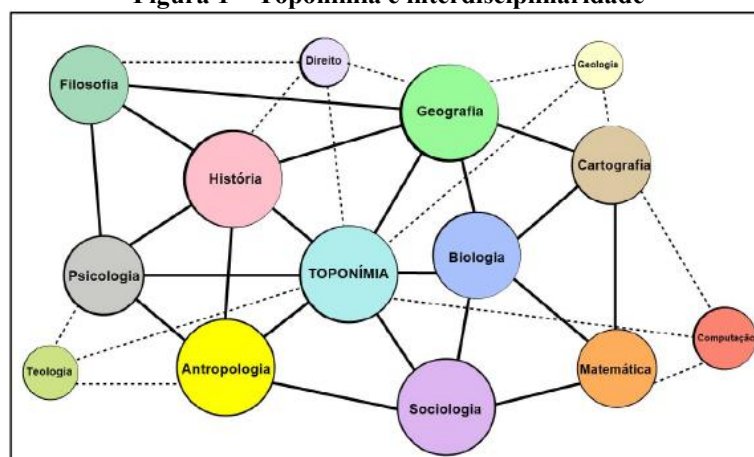
Dessa forma, os nomes próprios integram o acervo lexical de uma língua e estão intimamente relacionados à cultura, à história e às formas como seus falantes enxergam o mundo. Ao nomear indivíduos, lugares ou objetos, eles operam dentro de uma lógica motivacional que expressa valores, identidades e realidades culturais.

De maneira semelhante, Seabra e Isquierdo (2018) argumentam que os estudos onomásticos se conectam às origens e à memória coletiva das sociedades, despertando interesse tanto em especialistas quanto no público geral. Para além da mera função de rotulação, os nomes próprios refletem um sistema de denominação que espelha o modo de vida e os valores culturais de uma comunidade. Embora esses nomes sejam familiares pelo uso cotidiano, ao

analisá-los com mais profundidade, é comum perceber que seus significados originais muitas vezes se mostram obscuros ou distantes, mesmo quando se referem a pessoas ou lugares conhecidos.

No âmbito das línguas de sinais, Sousa (2022b) destaca que os sinais onomásticos também emergem a partir de processos interdisciplinares, que incorporam conhecimentos de História, Geografia, Zoologia e Antropologia. Além disso, considerando que os sujeitos surdos são predominantemente seres visuais, os sinais atribuídos a pessoas, lugares ou objetos frequentemente apresentam características perceptíveis — sejam elas físicas, visuais ou comportamentais — do referente nomeado, reforçando a conexão entre a percepção visual e a formação lexical nessas línguas. Sousa (2022) ilustra a interdisciplinaridade — no caso da Toponímia — a partir da imagem a seguir:

Figura 1 – Toponímia e interdisciplinaridade



Fonte: Sousa (2022, p. 27).

De acordo com Sousa (2022), o estudo dos topônimos demanda uma abordagem interdisciplinar, na qual diversos campos do saber convergem em torno da base linguística que sustenta a nomeação. A investigação acerca das motivações subjacentes à escolha de determinados nomes, em detrimento de outros possíveis, revela-se uma prática complexa, que articula conhecimentos oriundos de áreas como a História, a Geografia, a Antropologia, a Biologia, a Psicologia e a Filosofia. No entanto, essa análise não se limita apenas às ciências humanas ou naturais: ela pode envolver também disciplinas que, à primeira vista, parecem distantes do escopo da onomástica, como a Matemática, a Ciência da Computação, a Teologia, o Direito, entre outras. Assim, o topônimo se apresenta como um objeto de estudo multifacetado, cuja compreensão plena requer o entrelaçamento de múltiplos saberes, muitas vezes considerados alheios ao domínio linguístico, mas que se mostram fundamentais para o desvelamento de suas motivações históricas, culturais, simbólicas e funcionais.

O autor propõe uma abordagem que considera, simultaneamente, os aspectos linguísticos da Libras (estrutura, modalidade, parâmetros articulatórios, iconicidade), a experiência surda (visão de mundo, processos interacionais, vivências escolares), a cultura surda (visualidade, atribuição de sentidos) e os processos de contato linguístico e social. Como enfatiza Sousa (2022b, p. 13):

[...] se a análise de determinado sinal onomástico pressupõe as relações entre o material linguístico e fatores históricos e psicológicos, essas relações precisarão perpassar a natureza da língua de sinais (estrutural e funcional), os modos de perceber o mundo e de atuar nela (pelo sujeito surdo nomeador), os fatores culturais (puros ou híbridos) dos surdos, e as diferentes realidades sociais.

Dessa forma, o ser humano – surdo ou ouvinte – atribui nomes próprios a uma diversidade de elementos: pessoas, animais, lugares, obras de arte, fenômenos, entidades mitológicas, operações policiais, estabelecimentos, entre outros. Esse sistema de nomeação é objeto da Onomástica, que se subdivide em subáreas específicas, conforme o tipo de referente nomeado.

Segundo Sousa (2022b; 2024), embora muitos manuais linguísticos apresentem a Onomástica como voltada apenas aos nomes de pessoas e de lugares, essa é uma visão restrita. Já em 1928, Leite de Vasconcelos propôs a divisão da Onomástica (denominada por ele como Onomatologia) em três subáreas fundamentais: Toponímia – estudo dos nomes de lugares (inclusive rios, lagos, acidentes geográficos etc.); Antroponímia – estudo dos nomes de pessoas; Panteonímia – estudo de nomes diversos: de astros, ventos, animais, seres sobrenaturais, navios, entre outros. Dentro da Panteonímia, sugere-se a Teonímia como subcategoria para os nomes de divindades.

A seguir, serão apresentadas e detalhadas as principais subáreas da Onomástica, tais como Antroponímia, Onionímia, Teonímia, Zoonímia e Toponímia. Cada uma dessas categorias será explicada em seus aspectos fundamentais, com especial destaque para a forma como esses ramos do conhecimento se manifestam e são aplicados na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esse enfoque específico justifica-se pelo objetivo central deste estudo, que visa compreender as particularidades e os processos de nomeação no contexto da Libras, buscando revelar como a cultura surda e os aspectos linguísticos das línguas de sinais influenciam a construção e o uso dos nomes próprios. Além disso, serão discutidas as interações entre esses domínios onomásticos e as especificidades da comunicação surda, ampliando o entendimento sobre as estratégias de nomeação e categorização próprias desse sistema linguístico visual-espacial.

1.2.1 Antroponímia

A Antroponímia é a subárea que investiga os nomes próprios de pessoas. De acordo com Amaral e Seide (2020), os nomes antroponímicos apresentam as seguintes características: permitem a identificação direta de um referente único num universo de conhecimento partilhado; referem sem a necessidade de determinantes; não apresentam traços semânticos identificadores de classe; são grafados com inicial maiúscula.

Na Libras, os nomes próprios pessoais são chamados de sinais-nome. Trata-se de sinais atribuídos a indivíduos pertencentes à comunidade surda ou que tenham relevância social, acadêmica ou cultural para ela.

Um dos estudos mais significativos sobre o tema é o de Barros (2018), que analisou 113 sinais-nome de surdos de Goiânia. A autora propôs uma taxonomia baseada em: Características físicas (formato do cabelo, cor da pele, marcas etc.); Comportamento (hábitos, traços de personalidade etc.); Aspectos sociais (profissão, origem geográfica etc.); Nome em língua portuguesa do indivíduo. Esse trabalho serviu de inspiração para pesquisas posteriores que incluíram novas taxes e novas dinâmicas de análise.

1.2.2 Onionímia

A Onionímia corresponde ao campo de estudos que se ocupa dos nomes próprios atribuídos a estabelecimentos comerciais, instituições, produtos e serviços. Conforme aponta Souza (2019, p. 27), “a definição de oniônimo aponta para uma ampla percepção comercial a respeito dos ‘artigos e produtos das indústrias’, pois, sob essa ótica, por oniônimo entendemos todas as mercadorias, assim como todas as atividades relacionadas ao comércio [...]”.

No contexto das línguas de sinais, a produção onionímica ganha contornos singulares. Sousa (2022b) observa que a criação de sinais onionímicos tem sido impulsionada por fatores como: a urbanização e a modernidade tecnológica, a inserção profissional e social das pessoas surdas, a participação em redes sociais e exposições midiáticas, bem como a crescente acessibilidade em campanhas publicitárias.

Entretanto, para além desses fatores externos, é fundamental destacar que a visualidade e a experiência cultural surda exercem papel decisivo nesse processo. A construção de sinais onionímicos frequentemente se ancora em elementos visuais icônicos, que procuram traduzir marcas gráficas, logotipos, cores, formatos ou até slogans de produtos e empresas. Ao mesmo tempo, a criação desses sinais reflete práticas culturais surdas, que mobilizam a memória

coletiva, a criatividade linguística e a necessidade de tornar o mundo comercial acessível por meio da língua de sinais.

Dessa forma, cada novo oniônimo em Libras revela não apenas uma estratégia de nomeação, mas também um movimento de ampliação lexical, no qual a língua se expande para atender às demandas comunicativas de uma sociedade cada vez mais globalizada e permeada por marcas. O léxico onionímico em Libras, portanto, demonstra como a língua incorpora e ressignifica referências visuais e culturais, reafirmando a centralidade da experiência surda na constituição de novas unidades lexicais.

1.2.3 Teonímia

A Teonímia constitui o campo de estudos voltado para a investigação dos nomes próprios atribuídos a entidades espirituais e religiosas em diferentes culturas. Essa subárea revela não apenas os sistemas de crenças, mas também a forma como cada comunidade organiza e transmite sua experiência do sagrado por meio da linguagem. Nesse sentido, Sousa (2022b) enfatiza a relevância da teonímia para a compreensão da presença e da representação dos sistemas religiosos nas línguas.

No caso da Libras, pesquisas recentes têm demonstrado como a criação de sinais teonímicos está profundamente ligada à visualidade e à cultura surda, aspectos que orientam os processos de nomeação. Moreira (2023) e Moreira e Sousa (2024), por exemplo, analisaram sinais utilizados para nomear os Orixás do Candomblé, a partir de registros do canal *Axé Libras* (YouTube). Os autores destacam que a construção desses sinais envolve tanto a estrutura linguística quanto a motivação semântica, frequentemente ancorada em elementos visuais marcantes da indumentária, dos símbolos e dos rituais das divindades afro-brasileiras.

De modo semelhante, Jesus e Barreiros (2025) investigaram os sinais teonímicos atribuídos aos Orixás a partir da perspectiva do Recôncavo Baiano, evidenciando como a experiência visual e cultural da comunidade surda dialoga com a tradição religiosa local. Esses estudos apontam que a criação de sinais teonímicos não é apenas uma tradução direta dos nomes orais, mas uma prática de ressignificação que integra elementos icônicos, culturais e históricos, refletindo a percepção surda sobre o universo religioso.

Assim, verifica-se a vitalidade da língua e sua capacidade de incorporar referências espirituais e religiosas, reafirmando a criatividade linguística da comunidade surda e a centralidade da visualidade como princípio organizador da nomeação.

1.2.4 Zoonímia

A Zoonímia é a subárea da onomástica dedicada ao estudo dos nomes próprios de animais. É prática recorrente que pessoas atribuam nomes a seus animais de estimação e, no caso da Libras, esse processo ganha uma dimensão singular, pois envolve a criação de sinais específicos que funcionam como identificadores únicos dos animais de estimação.

Sousa (2024), em um estudo realizado com crianças e adolescentes surdos de Campinas (SP) e Rio Branco (AC), investigou se esses indivíduos possuíam animais de estimação e se haviam atribuído sinais particulares a eles. A pesquisa identificou 106 sinais zoonímicos, elaborados a partir de diferentes motivações: características físicas (como cor e tipo de pelo, formato das orelhas e olhos), comportamentos (como hábitos de sono, modos de alimentação e traços de humor), além de elementos externos (como laços, coleiras e até mesmo letras do nome original em português).

Esses resultados evidenciam a criatividade linguística da comunidade surda, que mobiliza sua experiência visual para construir sinais marcados pela iconicidade e pela originalidade. Cada zoonímico, ao emergir, não apenas nomeia um animal específico, mas também amplia o léxico da Libras, revelando como a língua se expande em diálogo com as práticas cotidianas de seus usuários.

Outro aspecto fundamental a ser considerado é a dimensão afetiva presente nesse processo. Os sinais zoonímicos não são apenas designações linguísticas funcionais; eles carregam laços emocionais, memórias e significados construídos nas relações de carinho e convivência entre surdos e seus animais de estimação. Assim, o ato de nomear em Libras transcende a mera identificação e se transforma em um gesto de pertencimento e de vínculo simbólico.

Dessa forma, a Zoonímia em Libras mostra-se como um campo fértil para compreender como a língua integra a visualidade, a criatividade e a afetividade surda na formação de novos sinais, reafirmando o papel do léxico como espaço de expansão, inovação e expressão cultural.

1.2.5 Toponímia

A Toponímia dedica-se aos nomes de lugares – tanto naturais (serras, rios, lagos) quanto construídos (cidades, bairros, ruas etc.) (Sousa, 2019a). Dick (1990) destaca que os nomes de lugares são verdadeiros testemunhos históricos da ocupação e organização territorial. Suas análises propuseram uma taxonomia motivacional que distingue entre: Motivações físicas (11

categorias) e Motivações antropoculturais (16 categorias) – essas motivações serão detalhadas na seção 1.3.2.

No campo da Libras, os primeiros estudos toponímicos datam de Souza Jr. (2012) e Aguiar (2012). Souza Jr., por exemplo, analisou sinais de cidades de 16 estados brasileiros, a partir de registros em vídeo realizados com informantes nativos ou residentes. Seu objetivo foi identificar a motivação linguística e semântica dos topônimos em Libras.

A pesquisa de Souza Jr. (2012) representa um marco inaugural nos estudos toponímicos em Libras. Após a seleção e análise de 265 sinais toponímicos, o autor propôs uma ampliação da taxonomia motivacional de base antropocultural, inicialmente formulada por Dick (1990; 1992), ao incorporar uma nova categoria: o grafotopônimo.

Esse novo tipo de topônimo, segundo Souza Jr., refere-se aos sinais que possuem sua motivação diretamente vinculada à forma gráfica do nome na língua portuguesa escrita, especialmente por meio do uso do alfabeto manual (datilologia). Por representar uma referência a um elemento linguístico imaterial e culturalmente construído, o grafotopônimo foi classificado como pertencente ao domínio antropocultural. Trata-se, portanto, de uma nomeação que evidencia o contato entre línguas e culturas, caracterizando-se como um fenômeno interlinguístico e intercultural.

Como observa o autor:

O contato entre as línguas desencadeia empréstimos lexicais, como consequência natural da necessidade de se comunicar e de se forjar neologismos, e, não obstante, de também denominar lugares. Na língua de sinais esses empréstimos ocorrem na maioria das vezes no uso da datilologia ou soletração alfabética manual (Souza Jr., 2012, p. 58).

No corpus analisado, os grafotopônimos se destacaram como a categoria mais recorrente, correspondendo a 122 sinais – o que representa 47,6% do total. Tal resultado evidencia o impacto direto da língua portuguesa escrita sobre a construção de sinais toponímicos em Libras, sobretudo em contextos de bilinguismo e contato linguístico.

A pesquisa conclui ressaltando que a nomeação de lugares em Libras não pode ser vista apenas como uma prática cultural, mas, acima de tudo, como um ato linguístico legítimo, dotado de estrutura e motivação interna. Conforme sintetiza o autor: “Não apenas como uma manifestação cultural, a atribuição de um sinal próprio a uma pessoa ou lugar é um ato linguístico.” (Souza Jr., 2012, p. 61)

Em paralelo, Aguiar (2012) desenvolveu uma investigação que se voltou para a análise da iconicidade dos sinais toponímicos em Libras e para os possíveis efeitos da influência da língua portuguesa na nomeação de espaços geográficos.

Para tanto, a autora utilizou como base de dados o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Deit-Libras), elaborado por Capovilla e Raphael (2009). Apesar de o dicionário listar 472 sinais associados ao campo semântico “localidades geográficas”, Aguiar selecionou para análise apenas aqueles referentes a ilhas, países, estados, cidades, regiões e bairros de São Paulo, totalizando 208 topônimos, descritos em 252 entradas lexicais.

A investigação baseou-se em dois critérios principais: iconicidade e origem lexical. Quanto à iconicidade – entendida como a “possível relação entre a forma do sinal e o lugar designado por ele” (Aguiar, 2012, p. 111) – constatou-se que apenas 18% dos sinais analisados eram icônicos, enquanto 82% apresentavam baixo ou nenhum grau de iconicidade. Esse dado aponta para uma tendência à arbitrariedade formal dos sinais toponímicos em Libras, indicando que sua forma muitas vezes não guarda uma relação visível ou motivada com o referente espacial.

No que se refere à origem dos sinais, a pesquisadora investigou a presença de empréstimos lexicais provenientes da língua portuguesa escrita. Essa influência se manifesta, sobretudo, por meio de dois mecanismos: a) Inicialização: uso de configurações de mão que correspondem às letras iniciais do nome em português; b) Soletração manual: representação do nome completo ou parcial através do alfabeto datilológico.

Os resultados mostraram que 64% dos sinais analisados derivavam de empréstimos diretos da língua portuguesa por meio da datilologia ou inicialização, enquanto 36% apresentavam origem autônoma, sem relação direta com o português. Esses dados corroboram a ideia de que a Libras, como qualquer língua viva e em contato, está sujeita a fenômenos de interferência e adaptação lexical. Tal como nas línguas orais, os sinais toponímicos refletem não apenas aspectos culturais e identitários da comunidade surda, mas também a influência constante do contexto social e linguístico em que estão inseridos.

O *Dossiê Toponímia em Libras*, publicado em 2022 na revista *Porto das Letras* e organizado por Alexandre Melo de Sousa (UFAC), Daiane Ferreira (UFPR), André Nogueira Xavier (UFPR) e Karylleila dos Santos Andrade (UFT), reúne um conjunto significativo de trabalhos que se dedicam à análise da nomeação de lugares na Língua Brasileira de Sinais, configurando-se como um marco para os estudos toponímicos no Brasil. Os artigos que compõem o dossiê abordam diferentes recortes espaciais: bairros, municípios, escolas,

instituições e outros espaços urbanos; e partem de contextos sociolinguísticos diversos, o que permite evidenciar a pluralidade de práticas nominativas da comunidade surda em distintas regiões do país.

De modo geral, os estudos analisam os aspectos formais, estruturais e motivacionais dos sinais toponímicos, discutindo processos como a iconicidade, a visualidade, a datilologia, a inicialização e o contato linguístico com o português escrito. As pesquisas mostram que a criação de topônimos em Libras está profundamente vinculada às experiências socioculturais das comunidades surdas locais, refletindo elementos históricos, identitários, institucionais e geográficos dos espaços nomeados.

Além disso, os trabalhos demonstram que os sinais toponímicos não se reduzem a simples traduções ou calques do português, mas resultam de processos linguísticos próprios da Libras, nos quais a visualidade e a motivação semântico-iconográfica desempenham papel central. Ao documentar, descrever e analisar esses sinais, os autores também contribuem para a sistematização de dados que podem subsidiar iniciativas mais amplas, como a construção de atlas toponímicos em Libras e o fortalecimento de propostas lexicográficas voltadas às línguas de sinais.

Figura 2 – Capa do Dossiê Toponímia em Libras



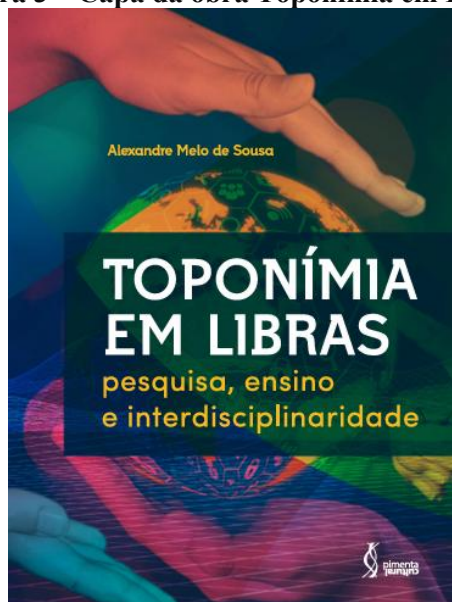
Fonte: Porto das Letras (2025).

Nesse sentido, o dossiê evidencia a expansão e a consolidação dos estudos toponímicos em Libras como um campo de investigação relevante dentro da Onomástica e dos Estudos da Linguagem. Ao articular fundamentos teóricos da Toponímia com aportes dos estudos sobre línguas de sinais, os trabalhos ampliam a compreensão da relação entre língua, espaço e cultura

em contextos bilíngues e multimodais. A publicação do dossiê não apenas legitima a Libras como língua capaz de nomear e significar o espaço, mas também incentiva novas pesquisas que valorizam a agência linguística e cultural da comunidade surda. Assim, a *Toponímia em Libras* deixa de ocupar um lugar marginal e passa a integrar de forma mais consistente o debate acadêmico, contribuindo para o reconhecimento da diversidade linguística e para o avanço dos estudos toponímicos no Brasil.

Sousa (2022a) escreveu a obra *Toponímia em Libras: ensino, pesquisa e interdisciplinaridade*, que constitui uma das principais referências da área. A obra *Toponímia em Libras* consolida-se como uma referência fundamental para os estudos linguísticos sobre nomeação de lugares em línguas de sinais, ao articular, de forma consistente, fundamentos da Toponímia, dos Estudos do Léxico e das pesquisas em Libras. Um de seus principais méritos reside na defesa da Libras como língua plenamente capaz de produzir e organizar topônimos segundo princípios próprios, rompendo com perspectivas reducionistas que tratam os sinais toponímicos apenas como traduções ou adaptações do português. Ao enfatizar a iconicidade, a visualidade e os processos semântico-motivacionais na formação dos sinais, o autor contribui para o fortalecimento teórico da Onomástica em contexto visual-espacial e amplia o escopo tradicional dos estudos toponímicos, historicamente centrados em línguas orais.

Figura 3 – Capa da obra *Toponímia em Libras*



Fonte: Sousa (2022a).

Do ponto de vista metodológico, a obra apresenta contribuições relevantes ao sistematizar categorias de análise aplicáveis aos topônimos em Libras, considerando aspectos formais, estruturais e motivacionais. Essa abordagem favorece a descrição rigorosa dos dados

e fornece subsídios para pesquisas futuras, especialmente aquelas voltadas à construção de inventários, bancos de dados e atlas toponímicos em Libras. Além disso, o diálogo estabelecido com pesquisas desenvolvidas em diferentes regiões do país evidencia a diversidade linguística e cultural das comunidades surdas, reforçando a ideia de que a toponímia em Libras é um campo dinâmico, marcado pela variação, pelo contato linguístico e pela agência dos sujeitos surdos na construção do espaço simbólico.

No campo pedagógico, a obra apresenta implicações significativas ao propor a inserção da toponímia em Libras como conteúdo relevante tanto no ensino da língua quanto em práticas interdisciplinares. O estudo dos topônimos permite articular língua, história, geografia e cultura, contribuindo para o fortalecimento da identidade surda e para a valorização do território vivido. Ao reconhecer os sinais toponímicos como parte do léxico especializado da Libras, o livro oferece subsídios para práticas educativas mais contextualizadas e culturalmente sensíveis, especialmente na Educação Básica e na formação de professores. Assim, a obra não apenas amplia o campo dos estudos toponímicos em Libras, mas também reafirma seu potencial formativo, social e político, ao promover o reconhecimento da Libras como língua de produção de conhecimento e de significação do espaço.

1.3 Aspectos formais e semântico-motivacionais dos topônimos em Libras

Conforme aponta Sousa (2022), a análise dos topônimos em Língua Brasileira de Sinais (Libras) deve considerar, prioritariamente, dois eixos estruturantes: o aspecto formal, que abrange os níveis fonético-fonológico e morfológico dos sinais; e o aspecto semântico-motivacional, relacionado aos elementos referenciais mobilizados pelos sujeitos surdos no processo de criação toponímica. Esses dois pilares permitem compreender como os sinais são estruturados e quais sentidos emergem a partir da relação entre língua, espaço e experiência visual.

Além dessas dimensões centrais, o autor destaca a importância de se atentarem para outros fatores que atravessam e enriquecem a análise dos topônimos em Libras, como os empréstimos linguísticos, que podem indicar influências de outras línguas de sinais ou da língua portuguesa, e a iconicidade, elemento intrínseco à Libras, que permeia tanto os aspectos formais quanto os semântico-motivacionais dos sinais. A iconicidade, nesse contexto, não se reduz à semelhança visual, mas configura-se como um recurso cognitivo e linguístico que articula forma e significado de maneira sensível à experiência espacial e sociocultural dos sujeitos surdos.

1.3.1 Aspectos formais dos topônimos

A Toponímia em Libras dedica-se ao estudo dos sinais atribuídos pelos surdos aos diversos espaços geográficos, abrangendo tanto elementos naturais – como serras, morros e rios – quanto espaços construídos ou definidos socialmente, tais como países, cidades, bairros, ruas e vilas (Sousa, 2022b). Esses sinais não apenas identificam lugares, mas também refletem a forma como a comunidade surda percebe, organiza e se relaciona com o espaço que ocupa, seja ele urbano ou rural.

Segundo Sousa e Quadros (2021), a criação dos topônimos em línguas de sinais está profundamente enraizada em necessidades comunicativas específicas. Além da função básica de localizar e referenciar geograficamente, esses sinais carregam o sentimento de pertencimento e identidade do sujeito surdo em relação ao seu espaço geográfico. A nomeação, portanto, vai além da simples indicação: ela é um ato social e cultural que fortalece laços comunitários e representa a experiência vivida no espaço.

Do ponto de vista linguístico, Quadros, Machado e Silva (2025) destacam que os sinais em Libras são construídos a partir de estruturas fonético-fonológicas e morfológicas já estabelecidas dentro da língua. Essas estruturas fornecem a base para a formação e o reconhecimento dos sinais, permitindo que os topônimos, embora possam parecer arbitrários, sejam sistemáticos e coerentes dentro do sistema linguístico visual-espacial da Libras.

De acordo com Dick (1992), o signo toponímico, também chamado de sintagma toponímico, é constituído por dois elementos fundamentais: o termo genérico e o termo específico.

Figura 4 - Estrutura dos sinais toponímicos



Fonte: Sousa (2019).

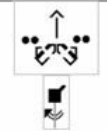
O termo genérico indica a categoria ou classe a que o lugar pertence, como, por exemplo, “município”, “rio” ou “montanha”. Este termo localiza o topônimo dentro de um grupo de elementos geográficos, seja ele de natureza física ou humana. O termo específico

individualiza e distingue o local dentro daquela classe. Na Libras, por exemplo, o sinal “MUNICÍPIO” corresponde ao termo genérico, enquanto “ACRELÂNDIA” corresponde ao termo específico que nomeia um município no estado do Acre. A combinação dos dois forma o sintagma toponímico completo.

Sousa (2019b) amplia essa análise ao classificar as formações dos termos específicos em Libras em quatro tipos principais, considerando as particularidades morfológicas e lexicais da língua de sinais:

- Formação simples: o termo específico é composto por um único formativo lexical próprio da Libras, que não deriva de outras línguas.
- Formação simples híbrida: o termo específico é formado por um único formativo lexical, mas esse inclui um empréstimo direto da língua escrita, como o português, a partir de configurações de mãos que fazem referências à letras do alfabeto escrito.
- Formação composta: o termo específico reúne mais de um formativo lexical, todos pertencentes à Libras, combinando elementos para formar um nome mais complexo.
- Formação composta híbrida: o termo específico é constituído por múltiplos formativos, dos quais pelo menos um é da Libras e outro é um empréstimo de outra língua, seja ela oral ou outra língua de sinais distinta.

Figura 5 - Tipos de formações do termo específico

TERMO ESPECÍFICO	TIPO DE FORMAÇÃO	DESCRIÇÃO
	Formação Simples	O termo específico SENA MADUREIRA é estruturado por um sinal na língua nativa (Libras): dedo indicador em movimentos circulares apontando para a boca (fazendo referência ao mandi, peixe próprio da região)
	Formação Simples Híbrida	O termo específico TARAUACÁ é estruturado por um sinal que apresenta, em sua formação, a configuração em T (letra inicial do topônimo em língua oral)
	Formação Composta	O termo específico ACRE ⁹ é estruturado por dois sinais, ambos em língua nativa (Libras): sinal ESTRELA + sinal ESPADA
	Formação Composta Híbrida	O termo específico JORDÃO é estruturado por dois sinais: um com a configuração em J (letra inicial no topônimo em língua oral) seguido de outro em língua nativa (sinal BARCO)

Fonte: Sousa (2023a, p. 34).

Essa tipologia, que se inspira na proposta inicial de Dick (1992) para a análise dos termos específicos em topônimos das línguas orais — como o português ou línguas indígenas

—, foi adaptada por Sousa para contemplar os processos morfológicos exclusivos das línguas visuais-espaciais. Conforme ressaltam Quadros, Machado e Silva (2025), as línguas de modalidades diferentes, como Libras e português, apresentam estruturas morfológicas historicamente e culturalmente distintas, o que impede uma correspondência direta entre os processos de formação lexical nas duas línguas. Portanto, a classificação proposta por Sousa considera essas diferenças e busca oferecer um modelo mais adequado para a análise dos topônimos em Libras.

A relevância dessa classificação é evidenciada nas diversas pesquisas toponímicas realizadas em Libras, que têm adotado os critérios de Sousa para descrever os tipos de formação dos sinais toponímicos. Sousa e Quadros (2021) destacam que identificar o tipo de formação do termo específico é fundamental para observar aspectos como a iconicidade dos sinais — ou seja, a relação entre a forma do sinal e o referente nomeado — e as influências das línguas orais na construção desses topônimos. Tais observações são essenciais para compreender como a Libras se mantém fiel à sua natureza visual e espacial, ao mesmo tempo em que dialoga com outras línguas e práticas culturais.

Assim, o estudo dos aspectos formais dos topônimos em Libras não apenas contribui para a descrição linguística da língua, mas também evidencia a dinâmica cultural e social da comunidade surda, que através dos sinais cria, adapta e preserva sua relação com o espaço e a identidade coletiva.

1.3.2 Aspectos semântico-motivacionais

A atribuição de nomes a lugares não ocorre de maneira aleatória. Conforme propõe Dick (1990), ao nomear um espaço geográfico, o ser humano mobiliza motivações que podem estar diretamente ancoradas nas características físicas do ambiente ou, ainda, derivar de aspectos simbólicos, históricos e socioculturais associados àquele espaço. Essas motivações, que influenciam diretamente a criação toponímica, são denominadas pela autora como motivações físicas e motivações antropoculturais, e constituem a base dos aspectos semântico-motivacionais da toponímia.

As motivações físicas referem-se aos elementos materiais e naturais presentes no espaço nomeado, como formas geográficas, cores, vegetação, corpos d'água, animais, fenômenos meteorológicos, entre outros. Por sua vez, as motivações antropoculturais dizem respeito aos elementos que refletem a história, a cultura, a memória coletiva e as práticas sociais relacionadas àquele lugar, como nomes de pessoas, crenças religiosas, ocupações profissionais, datas significativas, estruturas habitacionais, entre outros.

Dick (1990) propõe uma ampla classificação das taxonomias toponímicas, organizadas em duas grandes categorias: as de natureza física e as de natureza antropocultural.

No grupo de natureza física, encontram-se os astrotopônimos, que fazem referência a corpos celestes, como *Sol Nascente* (DF); os cardinotopônimos, relacionados a posições geográficas, exemplificados por *Norte Novo* (PR); os cromotopônimos, ligados às cores, como *Rio Branco* (MT); e os dimensiotopônimos, que descrevem aspectos dimensionais — espessura, altura, extensão ou largura —, a exemplo de *Serra Alta* (SC). Ainda nesse grupo estão os fitotopônimos, associados à vegetação, como *Buritizeiro* (MG); os geomorfotopônimos, que remetem a formas do relevo, considerando planícies, montes e depressões, como *Morro Agudo* (SP); os hidrotopônimos, vinculados a cursos ou massas d'água, como *Água Branca* (PI); os litotopônimos, derivados de elementos minerais ou rochosos, como *Pedra Azul* (ES); os meteorotopônimos, evocando fenômenos atmosféricos, como *Vento Leste* (RN); os morfotopônimos, ligados a formas geométricas, como *Lagoa Comprida* (PB); e os zootopônimos, que fazem referência a animais, como *Onça* (MG).

Já as taxonomias de natureza antropocultural abrangem diferentes dimensões da experiência humana. Entre elas, estão os animotopônimos ou nootopônimos, relacionados ao campo psíquico ou subjetivo, como *Esperança* (PB); os antropotopônimos, que remetem a nomes próprios de pessoas — prenomes, apelidos ou nomes completos —, como *Benedito Leite* (MA); os axiotopônimos, associados a títulos e dignidades, como *Imperatriz* (MA); e os corotopônimos, que fazem menção a outras localidades, como *Goianinha* (RN). Destacam-se ainda os cronotopônimos, que indicam temporalidade, como *Nova Olímpia* (MT); os dirrematotopônimos, originados de expressões populares cristalizadas, como *Passa e Fica* (RN); os ecotopônimos, relacionados a construções e habitações, como *Casas Altas* (MT); e os ergotopônimos, associados a elementos da cultura material, como *Forquilha* (CE).

Outras categorias desse grupo incluem os etnotopônimos, que aludem a grupos étnicos, como *Tupã* (SP); os hierotopônimos, que remetem ao sagrado em diferentes tradições religiosas, subdividindo-se em hagiotopônimos, relativos a santos, como *São Lourenço* (MG), e mitotopônimos, ligados a figuras mitológicas, como *Iara* (AM); os historiopotopônimos, que registram personalidades ou eventos históricos, como *Rondonópolis* (MT); os hodotopônimos (ou odotopônimos), que se vinculam a caminhos, vias ou rotas, como *Caminho Novo* (RJ); os numerotopônimos, que incorporam numerais, como *Sete Lagoas* (MG); os poliotopônimos, associados a aglomerados urbanos, como *Cidade Ocidental* (GO); os sociotopônimos, ligados a atividades sociais e profissionais, como *Garimpo Novo* (PA); e os somatotopônimos, que utilizam partes do corpo humano ou animal de forma metafórica, como *Braço do Norte* (SC).

Além dessa classificação tradicional, esta tese também considera propostas posteriores, como a de Souza-Jr. (2012), que apresenta os grafotopônimos, definidos como topônimos visuais que recorrem ao alfabeto manual em Libras, e a de Marins (2014), que introduz os mimetopônimos, caracterizados pelo uso de processos miméticos na constituição dos nomes.

Essa taxionomia, originalmente elaborada a partir da observação da toponímia em línguas orais, revela-se plenamente aplicável à análise dos topônimos em Libras, conforme demonstrado por Sousa (2022). O autor, ao retomar a proposta de Dick (1990), evidencia que os sinais toponímicos em Libras também podem ser classificados segundo essas categorias, uma vez que os sujeitos surdos, ao nomearem seus espaços de vivência, mobilizam referenciais similares — sejam eles visuais, ambientais, culturais ou históricos.

Entretanto, Sousa (2022) faz um importante adendo: ao transpor essa taxionomia para a Libras, é necessário considerar particularidades inerentes à sua modalidade visual-espacial, o que implica compreender que os elementos motivacionais podem se manifestar de maneira diferente daquela observada nas línguas orais. A iconicidade, por exemplo, torna-se um recurso expressivo central, permitindo que as motivações físicas sejam representadas visualmente nos parâmetros do sinal (como configuração de mão, movimento e localização). Além disso, a experiência surda, marcada por uma forma própria de percepção e organização do mundo, influencia diretamente a seleção dos elementos referenciais e a forma como são representados linguisticamente.

Outro fator destacado por Sousa (2022) é a importância do contato linguístico entre a Libras e o português escrito, que pode introduzir empréstimos e interferências formais ou semânticas nos sinais toponímicos. Esse contato é particularmente significativo em contextos educacionais e urbanos, onde sujeitos surdos circulam entre múltiplas línguas e culturas.

Assim, os aspectos semântico-motivacionais toponímicos em Libras devem ser compreendidos como construções que emergem da interação entre o espaço físico, a cultura surda, as condições sociais de produção do sinal e os recursos visuais da língua de sinais. A análise desses aspectos exige, portanto, um olhar atento tanto para as categorias motivacionais propostas por Dick (1990) quanto para as especificidades da Libras enquanto língua visuo-gestual e da surdez enquanto experiência cultural e identitária.

1.3.3 Iconicidade

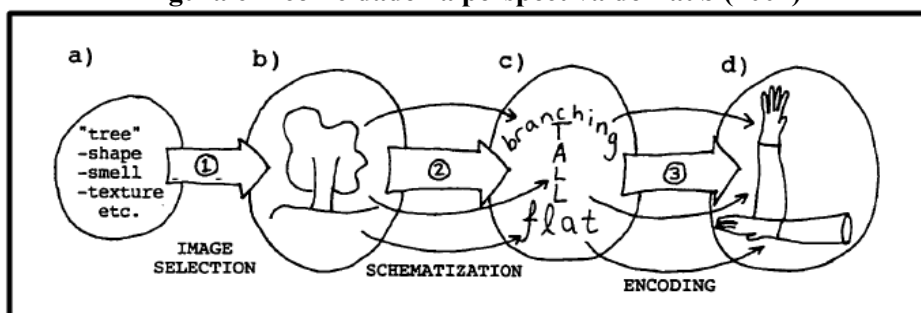
A iconicidade, entendida como a relação de semelhança ou correspondência direta entre a forma linguística e seu referente no mundo real (Trask, 2004; Dubois et al., 1973), constitui uma propriedade estrutural fundamental das línguas de sinais (Perniss, 2007). Diferentemente

das línguas orais-auditivas, cuja modalidade fonética é predominantemente arbitrária, as línguas sinalizadas exploram intensamente os recursos visuais e espaciais disponíveis, o que favorece a construção de sinais iconicamente motivados. Isso ocorre porque a produção linguística em Libras se dá por meio do corpo em movimento, em um espaço tridimensional, permitindo que configurações de mãos, direções e movimentos representem, de maneira visualmente perceptível, traços concretos ou abstratos dos referentes (Taub, 2001; Perniss, 2007; Lillo-Martin & Gajewskay, 2014; Quadros, 2019).

A relevância da iconicidade nas línguas de sinais não se limita à formação lexical. Como argumentam Lillo-Martin e Gajewskay (2014), ela também desempenha papel essencial em processos mais amplos do uso linguístico, como o processamento lexical, a construção de conceitos abstratos e a referência espacial e pronominal. Em consonância com essa perspectiva, Quadros (2019) enfatiza que a iconicidade motiva a criação de inúmeros sinais em Libras, funcionando como um princípio organizador da gramática visual-espacial. Carneiro (2016, p. 110) acrescenta que essa característica permite aos sinalizadores construir representações linguísticas altamente informativas, capazes de transmitir simultaneamente múltiplas camadas de significado.

Taub (2001) propõe um modelo tripartido para a formação de itens lexicais iconicamente motivados, composto por três etapas interdependentes: seleção, esquematização e codificação linguística – que pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 6– Iconicidade na perspectiva de Taub (2001)



Fonte: Taub (2001, p. 73).

A partir dessa abordagem, Sousa (2022) analisa a construção de sinais toponímicos em Libras no estado do Acre, demonstrando como o princípio da iconicidade estrutura a criação desses sinais. Vejamos o caso do sinal RIO BRANCO – que nomeia a capital acreana.

A criação do sinal toponímico RIO BRANCO evidencia de forma expressiva o princípio da iconicidade, ou seja, a correspondência visual e simbólica entre a forma do sinal e a realidade referida. Nesse caso, a imagem mental que serviu de base para a construção do sinal foi o Rio

Acre, curso d'água que atravessa a cidade de Rio Branco e a divide em dois distritos principais. A concepção visual do sinal procurou capturar a característica marcante do rio: sua curvatura ao longo do trajeto urbano.

Figura 7 – Sinal RIO BRANCO



Fonte: Sousa (2022, p. 72).

Durante o processo de esquematização, deu-se ênfase à representação visual da curva do rio, elemento geográfico central à identidade da cidade. Para tanto, a mão ativa realiza um movimento que percorre o braço do sinalizante, partindo da região próxima ao ombro (representando a nascente ou o início do percurso fluvial) e deslizando até o antebraço, nas proximidades da mão (sugerindo o fluxo contínuo da água). Esse deslocamento é feito de forma curva, com um destaque especial para a flexão no cotovelo, que atua como ponto simbólico da inflexão do rio – correspondendo, assim, à sua forma real.

A codificação do sinal envolve também a alternância de configurações manuais: inicialmente, a mão assume a configuração correspondente à letra “R”, e, em seguida, transforma-se na configuração da letra “B”, aludindo às iniciais de “Rio Branco”. Essa transição reforça a relação direta entre o nome da cidade e o elemento geográfico que a inspirou, consolidando a iconicidade como estratégia fundamental na criação do sinal e promovendo uma representação visualmente motivada e culturalmente situada.

Sousa (2022) mostra o mesmo processo a partir do sinal que representa o município de BRASILEIA — cuja imagem é indicada a seguir —, construído a partir de elementos visuais distintivos da cidade.

Figura 8 – Sinal BRASILÉIA



Fonte: Sousa (2022, p. 71).

Na etapa de seleção, identifica-se uma imagem visual marcante associada ao espaço geográfico: no caso de BRASILÉIA, a escolha recaiu sobre o conjunto de árvores dispostas em fileiras ao longo da avenida principal da cidade. Trata-se de um elemento saliente do ambiente urbano local, cuja relevância perceptiva e simbólica justifica sua seleção como base para a criação do sinal. Como observa Perniss (2007), a iconicidade em línguas de sinais emerge justamente da capacidade de explorar as propriedades visuais e espaciais dos referentes empíricos.

Em seguida, na fase de esquematização, os traços mais relevantes da imagem são selecionados e adaptados aos recursos articulatórios da Libras. No caso em análise, selecionaram-se a verticalidade e segmentação das árvores, bem como sua disposição linear ao longo da via. Esses elementos foram “adaptados” de forma a se tornarem compatíveis com o corpo humano como instrumento de expressão linguística. Essa adaptação, conforme argumenta Taub (2001), é fundamental para que a imagem se integre ao sistema fonológico e semântico da língua, preservando a motivação icônica sem comprometer sua gramática interna.

Por fim, na etapa de codificação, a imagem esquematizada é convertida em sinal linguístico através da configuração das mãos e do movimento corporal. No caso do sinal BRASILÉIA, o movimento sincronizado dos braços à frente do corpo, em espaço neutro, remete à disposição ordenada das árvores na paisagem urbana, criando uma metáfora espacial coerente e facilmente reconhecível pelos usuários da Libras. Essa codificação articula forma e significado de maneira visual, contribuindo para a fixação do sinal como representação do espaço nomeado. Como apontam Lillo-Martin e Gajewskay (2014), esse tipo de iconicidade espacial favorece não apenas o mapeamento direto entre sinal e referente, mas também otimiza o processamento morfológico e semântico do sinal em contextos de comunicação mais complexos.

Assim, a construção do sinal BRASILEIRA exemplifica de maneira clara como a iconicidade opera como um mecanismo linguístico produtivo e significativo na Libras, permitindo representar aspectos do mundo real de forma visualmente motivada. Ao integrar forma, significado e espaço em uma unidade expressiva, a iconicidade reafirma o caráter visual e experiencial da língua, especialmente quando aplicada à nomeação de lugares.

1.3.4 Empréstimos linguísticos

Na criação de topônimos em Libras, observa-se uma incidência expressiva de empréstimos linguísticos, especialmente oriundos da língua portuguesa, que se incorporam à estrutura dos sinais por meio de configurações manuais associadas às letras do alfabeto. Esses empréstimos revelam-se como recursos adaptativos utilizados por sujeitos surdos para nomear espaços geográficos em contextos de bilinguismo e contato linguístico. Sousa (2023b), apoiando-se nos estudos de Faria-Nascimento (2009), classifica esse fenômeno como empréstimo por transliteração, que pode ocorrer em duas modalidades distintas: pragmática e lexicalizada.

A transliteração pragmática corresponde à soletração integral do nome próprio utilizando o alfabeto manual – ou datilologia –, ou seja, cada letra do nome é reproduzida individualmente, em sequência, por meio das respectivas configurações de mão. Esse tipo de empréstimo, mais literal e menos integrado à estrutura gramatical da Libras, é comum em contextos iniciais de nomeação ou quando o sinal ainda não passou por processos de adaptação fonológica e morfológica dentro da língua de sinais.

Por outro lado, a transliteração lexicalizada ocorre quando o sinal incorpora apenas partes do nome original, geralmente as letras iniciais ou aquelas que possuem maior saliência fonológica, semântica ou simbólica. Essas letras são então fundidas com outros elementos visuais ou icônicos que representam características relevantes do referente geográfico. Nesse processo, o empréstimo se torna mais fluido, deixando de ser uma mera reprodução da forma escrita para se integrar plenamente ao sistema linguístico da Libras, tanto em nível fonológico quanto morfológico.

Um exemplo significativo desse tipo de empréstimo pode ser observado no sinal para MÂNCIO LIMA, cidade do estado do Acre. O sinal apresenta uma estrutura híbrida e composta: o primeiro elemento é a configuração manual da letra “M”, correspondente à inicial do nome da cidade em português; o segundo elemento é um movimento icônico que remete a uma cachoeira, elemento geográfico proeminente na localidade.

Figura 9– Sinal MÂNCIO LIMA



Fonte: Adaptado de Sousa (2022, p. 73).

Essa combinação representa uma fusão de dois princípios linguísticos – o empréstimo lexicalizado (pela incorporação da letra “M”) e a iconicidade (pela referência visual à cachoeira) –, resultando em um sinal toponímico expressivo, culturalmente situado e funcionalmente eficiente.

Além do empréstimo por transliteração, Sousa (2022) introduz o conceito de empréstimo por transemiotização, ampliando a noção tradicional de empréstimo para abranger signos gráficos não alfabéticos, como números, símbolos e caracteres especiais. Essa forma de empréstimo ultrapassa o limite do alfabeto manual e adentra o campo dos recursos visuais amplamente presentes na escrita e na mídia urbana. Tais elementos são apropriados pelos usuários da Libras e reinterpretados dentro do sistema visual-gestual da língua, evidenciando a sua flexibilidade e capacidade adaptativa diante das dinâmicas comunicativas contemporâneas.

Um exemplo ilustrativo desse fenômeno é o sinal utilizado para representar a agência do Banco Itaú, localizada na rua Marechal Deodoro, na cidade de Rio Branco. Nesse caso, o sinal incorpora visualmente o símbolo “@” (arroba), elemento gráfico amplamente reconhecido na comunicação digital. A presença desse símbolo no sinal evidencia uma prática de transemiotização, em que um signo originado fora do sistema linguístico é ressemantizado e apropriado dentro da Libras, assumindo um novo valor comunicativo. Esse tipo de estratégia é particularmente comum em ambientes urbanos, comerciais e midiáticos, onde a presença de sinais gráficos é constante e altamente visível.

Esses processos – transliteração e transemiotização – revelam a criatividade e a produtividade linguística dos usuários da Libras na construção de topônimos. Eles demonstram que, para além da iconicidade, a língua de sinais brasileira mobiliza recursos provenientes da escrita, da oralidade e de outros sistemas semióticos para dar conta da nomeação de espaços. A capacidade de articular elementos visuais, culturais e linguísticos distintos em sinais coerentes e significativos confirma a dinamicidade e a adaptabilidade da Libras, especialmente no que

diz respeito à ampliação do seu léxico geográfico e à representação da realidade urbana e sociocultural vivida pelos sujeitos surdos.

Outro processo importante nos empréstimos linguísticos é o calque. o calque como um dos principais mecanismos de empréstimo linguístico na Libras, especialmente no domínio da toponímia. Conforme assinala Faria-Nascimento (2009), os empréstimos da língua portuguesa para a Libras podem assumir diferentes configurações, entre elas o empréstimo semântico, o cruzado e o estereotipado. O empréstimo semântico, identificado pela autora como calque, caracteriza-se pela tradução literal de unidades lexicais da língua oral para a língua sinalizada, preservando o conteúdo semântico do termo de origem, mas realizando-o por meio de recursos próprios da modalidade visual-espacial. No campo da formação dos sinais toponímicos, esse processo é particularmente produtivo quando os nomes de lugares em português apresentam transparência semântica, permitindo que seus constituintes sejam traduzidos para sinais já lexicalizados em Libras.

Entretanto, como destaca Miranda (2020), o calque nem sempre resulta em correspondências semanticamente congruentes. Em alguns casos, a motivação do sinal não se ancora diretamente no significado do topônimo, mas na semelhança visual entre formas gráficas do português, especialmente em palavras homógrafas ou parônimas. Esse tipo de processo, denominado por Faria-Nascimento (2009) de empréstimo cruzado e por Miranda (2020) de calque imperfeito, revela um deslocamento da motivação semântica para uma motivação baseada na forma escrita da língua majoritária. Na toponímia em Libras, esse fenômeno pode ser observado quando o sinal é construído a partir de associações visuais com palavras do português que compartilham grafia semelhante, ainda que o significado original do topônimo não seja plenamente recuperado no sinal.

No contexto dos estudos toponímicos, a identificação desses diferentes tipos de calque é fundamental para compreender a complexidade do contato linguístico entre Libras e português. Como aponta Miranda (2020), os calques perfeitos e imperfeitos evidenciam que a formação dos sinais toponímicos em Libras não se dá de maneira homogênea, mas envolve múltiplas estratégias de apropriação e ressignificação. Longe de indicar fragilidade linguística, esses processos revelam a criatividade e a agência da comunidade surda na construção de seu léxico toponímico, bem como o papel central da escrita do português na circulação e na estabilização de determinados sinais. Assim, o calque, em suas diferentes manifestações, constitui um elemento-chave para a análise dos empréstimos linguísticos na Libras e para a compreensão das dinâmicas socioculturais que atravessam a nomeação dos lugares em contextos bilíngues.

Após termos explorado os fundamentos teóricos da Onomástica e suas respectivas subáreas, com ênfase especial na Toponímia em sua interface com a Libras, encerramos esta etapa com uma compreensão mais ampla sobre os processos de nomeação de lugares no contexto visual-espacial da Libras. Essa fundamentação teórica nos permitiu delimitar as bases conceituais necessárias para alcançar o propósito central desta pesquisa.

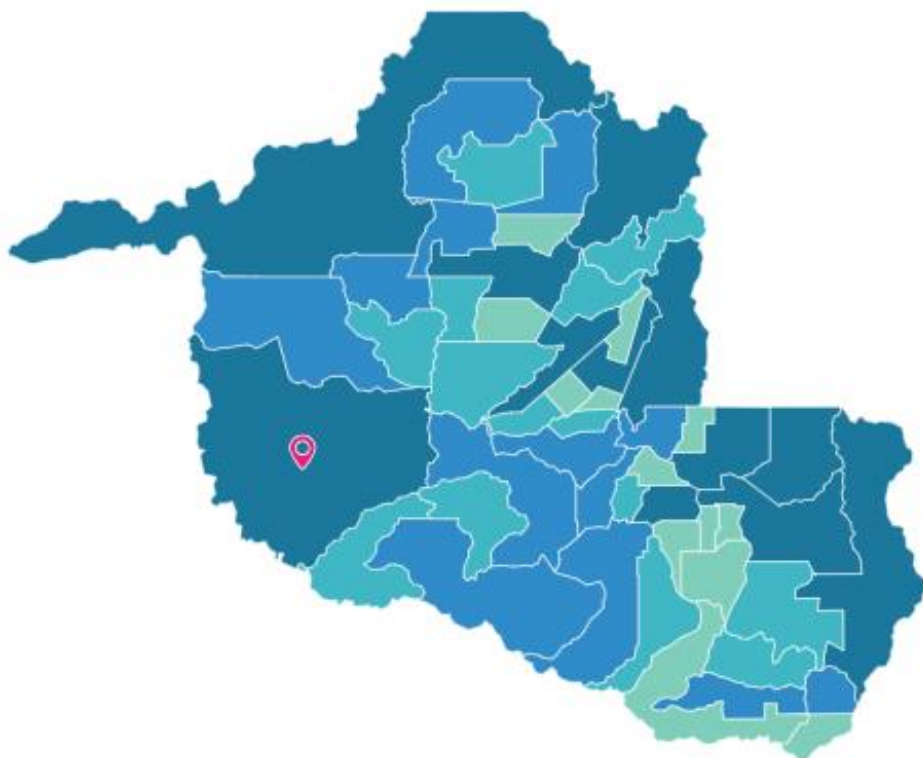
Como dissemos, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar os topônimos em Libras utilizados na nomeação dos bairros do município de Guajará-Mirim, situado no estado de Rondônia, com foco tanto nos aspectos formais (como estrutura e configuração dos sinais) quanto nos aspectos semântico-motivacionais (os significados e razões culturais, geográficas e históricas que motivam a criação desses sinais).

Dando continuidade ao desenvolvimento do trabalho, o próximo capítulo será dedicado à exposição do percurso metodológico adotado. Nele, descreveremos Guajará-Mirim, os procedimentos utilizados para a seleção dos topônimos em Libras, análise e sistematização dos dados. Essa etapa é essencial para garantir a legitimidade científica do estudo e para assegurar que os resultados obtidos estejam alinhados aos objetivos propostos.

2. GUAJARÁ-MIRIM – A ÁREA DE ESTUDO

O município de Guajará-Mirim, situado nos vales fluviais do Guaporé-Mamoré e do Madeira, integra uma região historicamente marcada por intensos processos de exploração econômica, disputas territoriais e movimentos migratórios. Esses vales constituíram, desde o século XVIII, rotas estratégicas para a extração de minérios e o escoamento de produtos, exercendo papel central na ocupação colonial da Amazônia Ocidental. Historicamente, os vales do Guaporé e Mamoré estavam vinculados à Capitania de Mato Grosso, enquanto o vale do Madeira pertencia à Capitania do Grão-Pará e Maranhão.

Figura 10 – Localização de Guajará-Mirim no estado de Rondônia



Fonte: IBGE Cidades (2025).

As primeiras incursões exploratórias remontam ao século XVI, quando aventureiros e bandeirantes penetraram na região em busca de ouro, prata e no apresamento de povos indígenas. Contudo, apenas no século XVII, após a confirmação da presença aurífera, a Coroa portuguesa intensificou seu interesse em ocupar e consolidar sua posse sobre esses territórios. Atualmente, o acesso a esses vales ocorre tanto por via fluvial quanto terrestre, mas sua relevância histórica permanece marcada pelas dinâmicas de integração forçada e pelas rotas comerciais que moldaram sua formação socioterritorial.

Carinhosamente conhecida como “A Pérola do Mamoré”, Guajará-Mirim é o segundo município mais antigo do Estado de Rondônia, superado apenas pela capital, Porto Velho. Um aspecto histórico particularmente revelador é o fato de que, de acordo com os mapas coloniais, esses dois municípios pertenciam originalmente a capitanias distintas: Porto Velho integrava a Capitania do Grão-Pará, enquanto Guajará-Mirim fazia parte da Capitania de Mato Grosso. Essa divisão expressa a complexidade das fronteiras coloniais e as frequentes reconfigurações geopolíticas, especialmente porque tais territórios, durante séculos, não figuravam nos domínios originalmente demarcados pela linha do Tratado de Tordesilhas.

Essa realidade evidencia como as fronteiras coloniais foram historicamente fluidas, permeadas por disputas, negociações e transgressões. O avanço português para além dos limites acordados com a Espanha expressa, por um lado, a ambição expansionista do império lusitano e, por outro, a influência de transformações econômicas e políticas internas à colônia. Conforme Doré e Júnia (2022), os vales do Guaporé-Mamoré e Madeira eram originalmente habitados por diversos povos indígenas, ainda que alguns historiadores, como Silva (s/d), neguem a existência de povoamentos anteriores aos ciclos migratórios. Tal negação, entretanto, pode ser compreendida como uma tentativa de apagamento histórico e silenciamento dos povos originários da Amazônia.

O abandono de grande parte do patrimônio histórico de Guajará-Mirim e a atuação limitada do poder público na preservação de sua memória revelam a persistência de padrões herdados do período colonial. O Tratado de Tordesilhas, frequentemente ignorado por Portugal enquanto tais terras estavam sob domínio espanhol, foi suplantado pelo Tratado de Madri (1750), que legitimou a ocupação portuguesa mediante o princípio do *uti possidetis*. Assim, o estímulo ao povoamento desses vales visava, sobretudo, assegurar a posse territorial em função dos interesses estratégicos da Coroa.

Ao longo do século XIX, disputas entre Brasil e Bolívia evidenciaram a necessidade de fixar fronteiras, culminando no Tratado de Ayacucho (1867), que regulamentou o trânsito e estabeleceu limites fronteiriços. Esse processo se insere em um contexto mais amplo que Milton Santos (2008) denomina de globalização de longa duração: um fenômeno que não é recente, mas que já se manifestava nos primeiros contatos transoceânicos e que segue estruturando desigualdades sociais, econômicas e culturais. Para o geógrafo, coexistem duas formas de globalização: uma idealizada — que celebra a integração mundial, o avanço tecnológico e a fluidez das trocas — e outra perversa, sustentada pela exploração e dominação de territórios e povos, sobretudo a partir da industrialização e do imperialismo do século XIX.

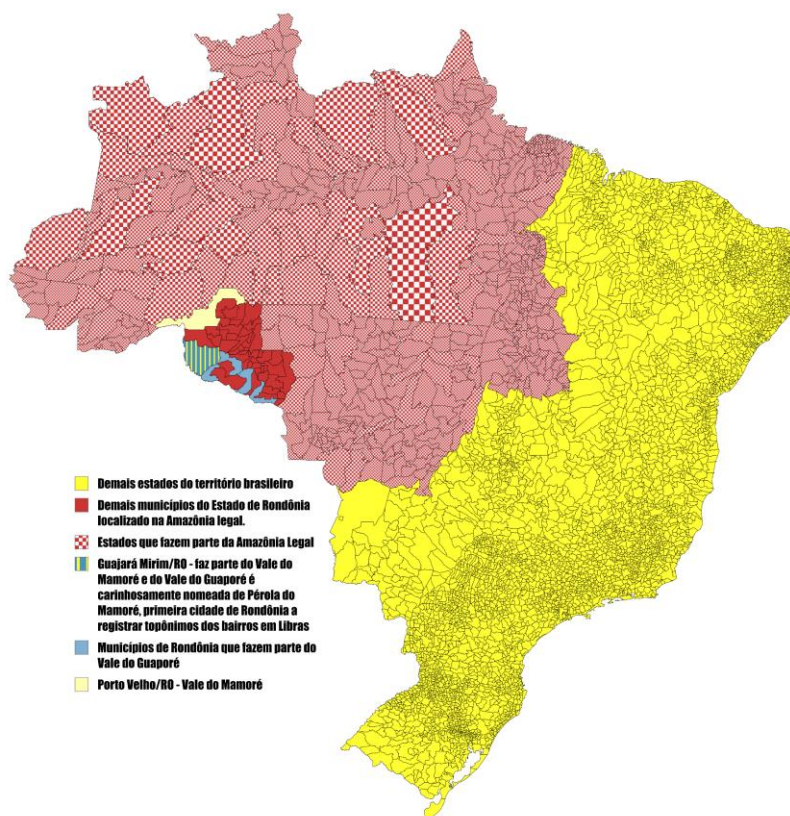
A história de Guajará-Mirim é inseparável desse processo de globalização desigual. Sua formação urbana intensificou-se no início do século XX com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), obra marcada por tragédias humanas e interesses extrativistas internacionais. Como destaca Pinto (2021), a ferrovia atraiu contingentes populacionais oriundos de áreas rurais ribeirinhas, concentrando fluxos migratórios e reorganizando o espaço urbano. Hardman (1991) ressalta que o projeto ferroviário se inscreve na lógica do “cosmopolitismo da mercadoria”, em que cidades portuárias e ferroviárias tornaram-se símbolos de progresso, ainda que frequentemente abandonados após ciclos de exploração predatória.

O projeto da EFMM foi iniciado em 1877 e concluído apenas em 1912, após sucessivas interrupções motivadas pelo elevado índice de mortalidade entre os trabalhadores — vítimas de malária, febres tropicais, acidentes e conflitos com povos indígenas. Durante seu período de funcionamento, a ferrovia dinamizou a economia regional com o transporte da borracha, da castanha-do-pará e de outros produtos extrativistas. Contudo, sua paralisação em 1931, agravada pela crise econômica de 1929, marcou o declínio de uma era, deixando um legado de abandono e espoliação do patrimônio ferroviário.

O apogeu e o declínio da borracha — tanto no primeiro quanto no segundo ciclo — ilustram as dinâmicas assimétricas que moldaram Guajará-Mirim e outras cidades amazônicas. Na primeira metade do século XIX, a extração do látex contou com mão de obra indígena submetida a processos de aculturação e com trabalhadores nordestinos deslocados pela miséria das secas. Durante décadas, a Amazônia deteve o monopólio mundial da borracha, mas os benefícios econômicos concentraram-se em poucos, enquanto as populações locais arcavam com os custos sociais e ambientais.

Hoje, Guajará-Mirim integra a Amazônia Legal e conserva um mosaico cultural singular, marcado pela presença indígena, pela influência boliviana e pela mestiçagem com descendentes de libaneses, turcos, gregos, franceses, nordestinos e quilombolas. Segundo Oliveira (2005), é a oitava maior cidade de Rondônia em população e preserva traços materiais e imateriais que testemunham seu passado de glória econômica e de integração forçada à lógica da globalização. A cidade também desempenha papel estratégico na manutenção da fronteira Brasil-Bolívia, e seu território deu origem a outros municípios, como Costa Marques, revelando a complexidade administrativa e geopolítica da região.

Figura 11 – Mapa do Brasil contextualizando Guajará-Mirim



Fonte: Mapchart (2025).

Guajará-Mirim localiza-se na margem direita do rio Mamoré e possui uma extensa área territorial de 24.856,877 km². Sua população atual é estimada em 43.594 habitantes, configurando-se como o segundo maior município do Estado de Rondônia em extensão territorial e a segunda cidade mais antiga do estado. A cidade é conectada pela rodovia BR-425, que, por sua vez, interliga-se à BR-364, principal via de escoamento e acesso à capital Porto Velho e a outras regiões do estado, desempenhando papel estratégico no transporte e na integração regional.

Historicamente, a cidade recebeu inicialmente a denominação Esperidião Marques, um topônimo derivado do antropônimo *Manoel Esperidião da Costa Marques*, engenheiro e desbravador que atuou de forma significativa nos Vales do Guaporé e Mamoré. Sua trajetória deixou marcas na toponímia local, sendo também homenageado no município vizinho de Costa Marques, igualmente situado no Vale do Guaporé.

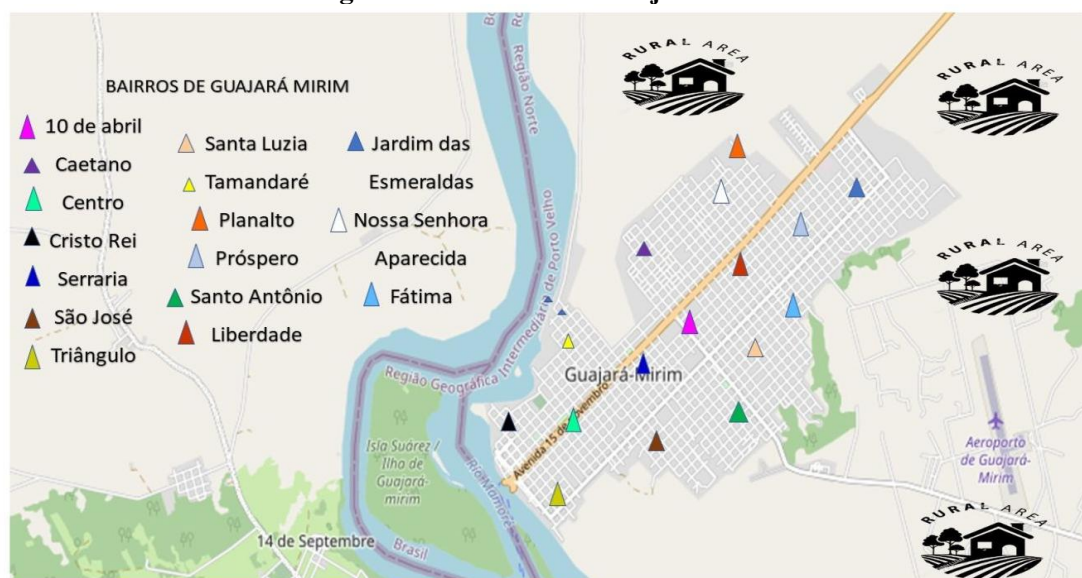
O topônimo Guajará-Mirim é alvo de amplos debates etimológicos. Algumas interpretações indicam que, em determinada língua indígena, o termo significaria “cachoeira pequena”. Outras hipóteses defendem que o nome resulta da fusão de diferentes matrizes linguísticas indígenas: *Ua-iara-miri* – sendo *ua-y/arfa* o nome de uma árvore típica da

Amazônia – com o acréscimo do lexema *mirim*, de origem tupi, que significa “pequeno(a)”. No entanto, a historiadora Yêda Borzacov (2002) propõe outra interpretação, segundo a qual o topônimo designaria “Campo das Sereias”, ampliando a perspectiva para uma dimensão simbólica e mítica associada às águas e aos campos amazônicos.

O território municipal é composto em grande parte por áreas de preservação: aproximadamente 90% de sua extensão abrange reservas florestais e terras indígenas. A malha urbana divide-se em 16 bairros, dotados de infraestrutura básica, como escolas municipais e estaduais, unidades do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) e da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Cada bairro possui ao menos um posto de saúde, e, recentemente, a cidade foi contemplada com a instalação de um Hospital Regional, fruto de investimentos do governo estadual.

Do ponto de vista geográfico e socioeconômico, Guajará-Mirim mantém uma posição singular por situar-se na fronteira com Guayaramerín (Bolívia), separada apenas pelo rio Mamoré. Essa localização estratégica, entretanto, também traz desafios significativos. A cidade sofre com enchentes periódicas provocadas pelas cheias dos rios Guaporé, Mamoré e Beni, o que frequentemente resulta no isolamento em relação à capital e a outros municípios, com exceção de Nova Mamoré, que compartilha problemas semelhantes de acessibilidade.

Figura 12 - Bairros de Guajará-Mirim



Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Guajar%C3%A1-Mirim,+RO>

Em termos culturais, o relativo isolamento histórico contribuiu para a preservação de tradições locais, que permanecem fortemente enraizadas no cotidiano da população. Entre as

manifestações mais significativas destacam-se a Festa do Divino Espírito Santo, o Festival do Boi-Bumbá e os Jogos Indígenas, além de outras festividades de caráter religioso e comunitário que reafirmam a identidade cultural da região.

Segundo Doré e Furtado (2022), “os mapas não falam só sobre o que eles representam. Por vezes, dizem mais sobre o que calam, e seus silêncios se tornam eloquentes.” Essa afirmação nos conduz a uma leitura crítica das representações cartográficas, compreendendo o mapa como uma construção discursiva, um artefato político e cultural que reflete escolhas: o que evidenciar, o que omitir, o que destacar e o que apagar. Assim, os mapas deixam de ser compreendidos como representações neutras da realidade e passam a ser reconhecidos como instrumentos de poder que operam no campo simbólico, definindo os limites entre o visível e o invisibilizado, entre o reconhecido e o marginalizado.

Ao observarmos o mapa em questão (Figura 10), nosso olhar volta-se para a cidade de Guajará-Mirim, em Rondônia. A potencialidade dos mapas estaria justamente na capacidade de revelar, por meio de seus traçados geográficos, linhas divisórias, cursos de rios e denominações oficiais, a complexidade da vida que pulsa entre essas fronteiras. Entretanto, nem sempre isso ocorre: muitas vezes, os mapas reproduzem um recorte restrito da realidade, silenciando práticas cotidianas, fluxos culturais, redes informais de troca e, sobretudo, presenças historicamente apagadas, como a das pessoas surdas, cuja ausência salta aos olhos pela sua expressividade e pela persistência desse silenciamento nos registros oficiais.

Guajará-Mirim, enquanto espaço fronteiro amazônico, configura-se como território de múltiplas vozes, línguas, sinais e significações. A ausência de referências visuais, culturais e linguísticas nos mapas institucionais revela uma carência de reconhecimento e a necessidade de outras formas de representação – cartografias sensíveis, afetivas e inclusivas, capazes de dar visibilidade às experiências sociais e culturais não hegemônicas. Nesse sentido, a produção e o registro de sinais toponímicos em Libras assumem relevância, pois constituem práticas que inscrevem no território a presença e a agência de sujeitos historicamente marginalizados, contribuindo para a ampliação do repertório simbólico e cultural da região.

A cidade de Guajará-Mirim, portanto, não é apenas um ponto demarcado em um mapa; é um espaço tecido por memórias, identidades, ausências e resistências. O silêncio dos mapas oficiais acerca das experiências fronteiriças das pessoas surdas não representa apenas uma lacuna, mas uma estratégia histórica de exclusão que precisa ser problematizada e enfrentada. É a partir dessa perspectiva crítica que esta pesquisa propõe a construção de uma cartografia alternativa – uma cartografia em Libras – que registre os sinais toponímicos produzidos pela comunidade surda local, oferecendo uma nova maneira de ver, narrar e habitar o território e a

fronteira: uma maneira que não apaga, mas inscreve; que não silencia, mas expressa; que não limita, mas amplia.

Pensar a fronteira, nesse contexto, significa também refletir sobre as camadas múltiplas de sua historicidade e sobre os sentidos de pertencimento e estranhamento que nela se inscrevem. A territorialidade que emerge desse espaço não é apenas geográfica: ela é afetiva, linguística, política e cultural. Reconhecer essas dimensões torna-se fundamental para compreender a complexidade da experiência surda em regiões de fronteira, onde a diversidade não se configura apenas como dado demográfico, mas como condição existencial e elemento estruturante da vida social.

Dessa forma, compreender a história e a geografia de Guajará-Mirim não se limita a um exercício descritivo, mas constitui um passo essencial para situar a produção de sinais toponímicos em Libras no contexto mais amplo das relações territoriais, culturais e identitárias que marcam essa região de fronteira. Ao revisitar sua formação histórica, seus traçados cartográficos e suas dinâmicas socioculturais, abre-se espaço para reconhecer que a nomeação de lugares não é neutra, mas atravessada por disputas de poder, memórias e ausências. Nesse sentido, inserir a perspectiva surda nesse processo – por meio da criação e registro de sinais toponímicos dos bairros de Guajará-Mirim – não apenas amplia o repertório linguístico da Libras, mas também reinscreve as culturas surdas no tecido simbólico do território, conferindo visibilidade e legitimidade a sujeitos historicamente marginalizados. Assim, discutir a toponímia em Libras dos bairros de Guajará-Mirim implica reconhecer o direito das comunidades surdas de nomear o espaço que habitam, ressignificando fronteiras, afirmando identidades e contribuindo para a construção de cartografias mais justas, inclusivas e representativas.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentamos o percurso metodológico da pesquisa. Inicialmente, descrevemos as características gerais do estudo. Em seguida, falamos sobre a área selecionada para a pesquisa. Em seguida, explicamos como os dados foram gerados e armazenados e, por fim, apresentamos os procedimentos de análise.

3.1 Caracterização geral da pesquisa

A construção de uma pesquisa científica transcende os limites das exigências institucionais e acadêmicas. Conforme destaca Serrano (2011), o valor de uma investigação reside não apenas na produção de conhecimento, mas também em seu potencial de gerar impactos significativos para a realidade estudada. Ao investigar um fenômeno situado em um contexto social e cultural específico, o pesquisador se implica eticamente com esse universo, contribuindo, ainda que indiretamente, para o fortalecimento e a valorização da comunidade que protagoniza o objeto de estudo. Assim, a pesquisa não apenas promove satisfação pessoal ao pesquisador, mas também exerce uma função social relevante, ao fomentar reflexões e ampliar a visibilidade de grupos historicamente marginalizados, como é o caso da comunidade surda brasileira.

Nesse contexto, e alinhados aos pressupostos teóricos e epistemológicos da investigação científica, estruturamos este estudo de modo a respeitar tanto o rigor metodológico quanto a flexibilidade exigida por sua natureza empírica. Segundo Gil (2017), embora a pesquisa deva ser planejada com clareza e coerência, suas etapas metodológicas não precisam ser encaradas como estruturas rígidas ou imutáveis. Ao contrário, o percurso do pesquisador deve se manter aberto a adaptações necessárias, de modo a atender às especificidades e exigências que emergem ao longo do processo investigativo. Isso implica compreender que a coleta e a análise de dados são condicionadas por múltiplos fatores – teóricos, contextuais e humanos – e constituem uma etapa consequente da articulação entre objetivos, instrumentos e abordagem escolhida.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os topônimos em Língua Brasileira de Sinais (Libras) utilizados na nomeação dos bairros do município de Guajará-Mirim, localizado no estado de Rondônia, considerando tanto os aspectos formais dos sinais (estrutura, configuração, movimento e orientação) quanto os aspectos semântico-motivacionais que fundamentam sua

criação (valores simbólicos, referências culturais, geográficas e históricas). A partir desse escopo, formulamos a seguinte pergunta de pesquisa: Quais são as características formais e semântico-motivacionais dos topônimos em Libras criados por alunos surdos residentes em Guajará-Mirim para nomear os bairros do município?

A fim de responder a essa questão e sustentar teoricamente a análise dos dados, realizamos, inicialmente, um levantamento bibliográfico, conforme orientam Booth e Colombo (2005), que ressaltam a importância de o pesquisador buscar ativamente o aprofundamento conceitual a partir da consulta a livros, artigos científicos, dissertações, teses e outras fontes relevantes. Essa etapa permitiu a consolidação de uma base teórica sobre Onomástica e Toponímia em Libras, ampliando o diálogo com investigações anteriores e contribuindo para o delineamento dos marcos teóricos do estudo. Todo o material consultado encontra-se em domínio público, assegurando o acesso ético e legal às informações utilizadas na fundamentação e análise dos dados.

No que se refere à natureza da pesquisa, esta se classifica como uma investigação de caráter básico, pois visa ampliar o conhecimento científico sobre a toponímia em Libras sem, necessariamente, buscar uma aplicação prática imediata. Segundo Paiva (2019), a pesquisa básica tem como objetivo principal o aprofundamento teórico de determinado campo do saber, possibilitando sua expansão e consolidação. Nesse sentido, nosso estudo se insere no conjunto de trabalhos que buscam contribuir para o desenvolvimento da Onomástica em Libras, um campo ainda em processo de consolidação no cenário científico nacional.

A abordagem adotada é de natureza qualitativo-quantitativa (quali-quant), pois articula procedimentos de análise qualitativa com o levantamento e interpretação de dados quantitativos. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), a pesquisa qualitativa se propõe a compreender em profundidade os fenômenos, a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos e em conexão com seu contexto sociocultural. Já a abordagem quantitativa busca identificar padrões, frequências e relações numéricas a partir da sistematização de dados. Em nossa pesquisa, as duas abordagens se complementam: os dados quantitativos oferecem suporte à análise qualitativa, que se debruça sobre os significados, motivações e representações contidas nos sinais toponímicos.

Quanto aos objetivos, esta investigação se configura como uma pesquisa de caráter descritivo, uma vez que visa observar, registrar, sistematizar e interpretar fenômenos linguísticos a partir de dados empíricos. Cervo e Bervian (2002, p. 66) destacam que a pesquisa descritiva tem por finalidade “observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem interferir neles”. Assim, nossos objetivos específicos são:

- a) descrever características formais dos topônimos dos bairros de Guajará-Mirim em Libras e em português;
- b) analisar as motivações semântico-culturais presentes nos topônimos em Libras e em português, verificando de que modo refletem aspectos históricos, religiosos e culturais da região selecionada.

Em relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de natureza documental, já que se apoia na análise de registros em vídeo previamente produzidos. Especificamente, foram utilizados os vídeos em Libras disponíveis no canal *Onomástica em Libras*, do professor Alexandre Melo de Sousa, todos gravados pela autora desta tese. Os vídeos, acessíveis ao público no YouTube, consistem em registros visuais dos sinais toponímicos produzidos por alunos surdos residentes em Guajará-Mirim para nomear os bairros do município. O uso desse material audiovisual se justifica pela sua autenticidade, acessibilidade e relevância empírica, permitindo a observação direta dos parâmetros linguísticos que compõem os sinais.

3.2 Os dados: seleção e armazenamento

A coleta dos dados referentes aos bairros de Guajará-Mirim (RO) foi realizada a partir de duas fontes principais: (i) o mapa urbano de Guajará-Mirim, de onde foram selecionados os topônimos em português; e (ii) o canal Dicionário de Libras – Pedagogia e Letras – Librando (<https://www.youtube.com/@DicionariodeLibras2019>).

O referido canal apresenta uma variedade de conteúdos relacionados à Língua Brasileira de Sinais (Libras), abrangendo desde informações gerais sobre a língua e suas aplicações pedagógicas até registros específicos de sinais. Entre esses conteúdos, destacam-se os vídeos que documentam os sinais utilizados para designar os bairros de Guajará-Mirim, constituindo uma fonte essencial para esta pesquisa.

Para utilização nesta tese, os vídeos foram regravados pela própria pesquisadora e armazenados no Canal *Onomástica em Libras*, do prof. Alexandre Melo de Sousa, em Playlist exclusiva: https://www.youtube.com/@onomastica_em_libras/playlists

Isso confere maior controle sobre a fidedignidade dos registros e possibilita sua utilização como corpus para análise. Esses registros visuais representam os sinais empregados para identificar diferentes localidades do município e constituem o ponto de partida para a investigação das motivações, estruturas linguísticas e usos sociais desses sinais.

Quadro 1 – Sinais em Libras dos bairros de Guajará-Mirim

Bairro 10 DE ABRIL	https://youtu.be/yTt5q93mAKo
Bairro CAETANO	https://youtu.be/LC-s7QaVqbQ
Bairro CENTRO	https://youtu.be/otXujHYenV4
Bairro CRISTO REI	https://youtu.be/iLVwYfLO6c4
Bairro FÁTIMA	https://youtu.be/sbq3CoJow60
Bairro JARDIM DAS ESMERALDAS	https://youtu.be/t1EwV3MEmIg
Bairro LIBERDADE	https://youtu.be/TtFcz6GX9us
Bairro N. SRA. APARECIDA	https://youtu.be/yLrCnTkqrGY
Bairro PLANALTO	https://youtu.be/a1J7Z0auiXk
Bairro PRÓSPERO	https://youtu.be/-gsvtu_hUpq
Bairro SANTA LUZIA	https://youtu.be/nh9e3AgCA7E
Bairro SÃO JOSÉ	https://youtu.be/0g9Ib36_DHs
Bairro SERRARIA	https://youtu.be/fBLlCFz0gdY
Bairro SNATO ANTONIO	https://youtu.be/eqXYwpV5wK0
Bairro TAMANDARÉ	https://youtu.be/QlyYgs-6yzQ
Bairro TRIÂNGULO	https://youtu.be/YvyJtwnn44M

Fonte: Elaborado pela autora.

A escolha metodológica pelo uso do YouTube justifica-se por diferentes aspectos. Em primeiro lugar, trata-se de uma plataforma digital amplamente acessível e utilizada pela comunidade surda, por pesquisadores e por professores de Libras como meio de divulgação, legitimação e circulação de sinais. Em segundo lugar, o YouTube funciona como um espaço de validação coletiva, pois os sinais ali apresentados podem ser conhecidos, discutidos e reconhecidos por diferentes sujeitos da comunidade usuária, o que lhes atribui representatividade e relevância social. Além disso, o ambiente virtual permite o armazenamento organizado e a consulta permanente dos registros, o que garante maior transparência e confiabilidade ao processo de análise.

Assim, ao adotar o YouTube como fonte de dados, este trabalho alinha-se a perspectivas metodológicas contemporâneas que consideram os espaços digitais como arenas legítimas de práticas discursivas, culturais e identitárias, reconhecendo o protagonismo da comunidade surda no processo de criação, registro e circulação de sinais.

Os dados (topônimos em Libras) foram armazenados em fichas lexicográfico-toponímicas, contendo os seguintes microparadigmas: Localização geográfica, Termo genérico/Tipo de acidente geográfico, Topônimo em português, Classificação toponímica (taxonomia), Tipo de formação lexical, Topônimo em Libras (link), *SignWriting*, Descrição do sinal, Tipo de formação lexical, Classificação toponímica, Motivação semântica, Pesquisadora, supervisor, Data da coleta. A ficha pode ser visualizada a seguir.

Figura 13- Ficha Lexicográfica-Toponímica de GUAJARÁ-MIRIM

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 01	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	10 de abril
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Historiotopônimo
Motivação semântica	10 de abril é o dia da emancipação político-administrativa de Guajará-Mirim, que se deu em 1929.
Tipo de formação lexical	Composta
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/yTt5q93mAKo	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 68 e final nº 73 (referência ao numeral 10). Na segunda, a mão está ao lado do pescoço (sem tocar no corpo), em configuração de mão nº 67, e faz um movimento retilíneo, diagonal para cima.	
Tipo de formação lexical	Composta híbrida
Classificação toponímica (Taxonomia)	Calque
Motivação semântica	Tradução direta de “10 de abril”
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

Fonte: Elaborada pela autora.

A ficha lexicográfico-toponímica representa um instrumento fundamental para o armazenamento e a organização sistemática dos sinais toponímicos em Libras, especialmente em contextos de pesquisa voltados à documentação e análise linguística de comunidades surdas. Sua importância reside na capacidade de registrar, de forma estruturada, os múltiplos aspectos que compõem cada sinal, tais como a localização geográfica correspondente, o registro visual do sinal em Libras (vídeo), a representação em *SignWriting*, as informações históricas vinculadas ao nome, o contexto de uso e a validação comunitária dos dados. Além de preservar o patrimônio linguístico das comunidades surdas, essa ferramenta contribui para a construção de microparadigmas que permitem a análise contrastiva e o aprofundamento dos estudos onomásticos.

De acordo com Sousa e Quadros (2019), a ficha é um recurso metodológico essencial para os estudos toponímicos em Libras, pois assegura a consistência e a confiabilidade dos dados coletados, além de viabilizar sua disseminação em ambientes acadêmicos e educacionais. Assim, a utilização da ficha não apenas fortalece a pesquisa, mas também valoriza as práticas nomeadoras das pessoas surdas, reconhecendo-as como produtoras legítimas de conhecimento linguístico e cultural.

3.3 Procedimentos de análise

A análise dos dados será conduzida com base nas informações sistematizadas nas fichas lexicográfico-toponímicas (em anexo), as quais constituem um instrumento metodológico fundamental para a descrição, a organização e a interpretação dos topônimos investigados. Essas fichas contemplam dados formais, semânticos e contextuais, permitindo registrar, de maneira padronizada, aspectos como a forma linguística, a categoria toponímica, a motivação do nome e o contexto sociocultural de uso. O procedimento analítico será desenvolvido em duas etapas complementares, articulando abordagens qualitativa e quantitativa, com o objetivo de assegurar uma leitura abrangente e aprofundada dos fenômenos toponímicos observados.

Na primeira etapa, proceder-se-á à identificação e à classificação das formações lexicais dos topônimos em Libras e, posteriormente, dos topônimos em língua portuguesa. Essa análise levará em conta as categorias de sinais simples, simples híbridos, compostos e compostos híbridos, possibilitando mapear os padrões estruturais recorrentes em cada língua e evidenciar semelhanças e especificidades nos processos de formação toponímica. Além disso, essa etapa permitirá observar o grau de complexidade morfológica dos topônimos e as estratégias linguísticas empregadas em cada sistema. Em um segundo momento, serão investigadas as motivações semânticas que fundamentam a atribuição dos nomes, iniciando-se pela análise dos topônimos em Libras e, em seguida, dos topônimos em português. Essa abordagem buscará compreender de que maneira fatores históricos, culturais, geográficos, simbólicos e sociolinguísticos influenciam os processos de nomeação, revelando concepções de mundo e formas de apropriação do espaço por parte das comunidades envolvidas.

Por fim, será realizada uma comparação quantitativa entre os dois sistemas de nomeação (Libras e português) com o intuito de verificar aproximações e distanciamentos tanto no que se refere à estruturação lexical quanto às motivações semânticas predominantes. Essa etapa comparativa permitirá identificar tendências, recorrências e particularidades em cada língua, contribuindo para a compreensão das especificidades dos sistemas toponímicos analisados. Ao

articular os resultados qualitativos e quantitativos, pretende-se ampliar a reflexão sobre a relação entre língua, cultura e espaço geográfico, evidenciando o papel da toponímia como prática linguística e sociocultural de construção e representação do território.

4. A TOPONÍMIA DE GUAJARÁ-MIRIM: ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar a descrição e a análise da toponímia dos bairros de Guajará-Mirim. Conforme delineado anteriormente, a organização deste capítulo seguirá duas etapas complementares. Primeiramente, serão apresentadas as fichas lexicográfico-toponímicas referentes a cada espaço geográfico selecionado, instrumento fundamental para a sistematização e descrição detalhada dos topônimos em português e em Libras. Na sequência, proceder-se-á às análises em duas dimensões: formação e motivação.

No caso do português, a análise será ancorada principalmente nas tipologias e perspectivas teóricas propostas por Dick (1990, 1992) e Sousa (2019), que oferecem subsídios para compreender as regularidades e especificidades da nomeação de espaços geográficos. Já para a Libras, o exame se apoiará em referenciais que dialogam com a toponímia e com os estudos da língua de sinais, como Dick (1990), Taub (2001), Sousa (2022, 2023), Sousa et al. (2025), entre outros trabalhos que contribuem para a compreensão dos mecanismos linguísticos e culturais envolvidos na criação e validação dos sinais toponímicos.

A partir dessa estrutura, busca-se discutir as convergências e divergências entre os processos de nomeação em português e em Libras, destacando como cada língua, a seu modo, representa o espaço geográfico e mobiliza recursos linguísticos e culturais para a construção da toponímia local. É importante lembrar que as interpretações partirão, em um primeiro momento, de dados quantitativos, permitindo mapear as recorrências e distribuições dos fenômenos observados. Em seguida, serão realizadas interpretações de caráter qualitativo, que buscarão contemplar outros elementos fundamentais, como a iconicidade, as influências do português na formação dos sinais em Libras, além de outros fatores que se fizerem necessários para a melhor compreensão dos processos de nomeação.

Como observa Sousa (2022), as nomeações toponímicas se ancoram nos aspectos culturais de cada comunidade, refletindo suas visões de mundo, seus processos históricos e suas formas próprias de significar o espaço. Nesse sentido, partimos da hipótese de que, embora surdos e ouvintes habitem o mesmo espaço geográfico, por se constituírem como comunidades que possuem línguas de modalidades distintas e culturas também diferenciadas, a toponímia tende a se moldar de formas diversas. Ao mesmo tempo, não se pode desconsiderar que o contato entre as línguas e culturas possa interferir nos processos de nomeação, considerando

que as pessoas surdas são, em sua maioria, sujeitos bilíngues, bimodais e biculturais, o que pode gerar convergências e influências mútuas na constituição dos topônimos.

O topônimo 10 de Abril em Libras é formado por duas unidades. A primeira é produzida em espaço neutro, com configuração de mão inicial nº 68 e final nº 73, representando o numeral 10. A segunda unidade apresenta a mão posicionada ao lado do pescoço (sem tocar o corpo), em configuração nº 67, realizando um movimento retilíneo diagonal ascendente. A imagem, a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 14 - Descrição dos parâmetros Sinal 10 DE ABRIL

Termo específico	CM	PA	O	M
	  	Neutro	 Palma da mão para frente  Palma da mão para trás  Palma da mão para frente	 Diagonal cima, direita

Fonte: produzido pela autora.

De acordo com Sousa (2022), trata-se de um topônimo composto híbrido, por utilizar dois itens lexicais distintos em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras constitui um calque do português, ou seja, reproduz a tradução direta do nome original, preservando o referente sem incorporar explicitamente sua dimensão histórica.

O topônimo correspondente em português é também composto, formado por mais de um formante (Dick, 1990), e sua motivação é histórica: faz referência direta ao dia da emancipação político-administrativa de Guajará-Mirim, ocorrida em 10 de abril de 1929. Nesse sentido, configura-se como um historiotopônimo, conferindo ao espaço não apenas identificação geográfica, mas também memória coletiva e valor simbólico à população local.

A comparação entre os dois topônimos evidencia diferenças significativas nos processos de nomeação e nos aspectos culturais subjacentes. Enquanto o português enfatiza a dimensão referencial e histórica, a Libras prioriza estratégias formais e visuais próprias da modalidade visogestual, assegurando clareza e inteligibilidade por meio da configuração de mãos, espaço e movimento. Esse contraste demonstra que a toponímia é sensível à cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é mediado pela visibilidade gestual; em português, pela historicidade e pelo significado social e político do nome.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações distintas, refletindo diferentes maneiras de perceber, registrar e transmitir significados culturais e históricos por meio da linguagem, evidenciando a riqueza e a diversidade da prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Caetano em Libras, apresenta duas unidades em sua formação. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 12, inicial do antropotopônimo. Na segunda formação, a mão está em espaço neutro com configuração final nº 05 espalmada para baixo em movimento circular. A estrutura do topônimo está demonstrada na imagem a seguir:

Figura 15- Descrição dos parâmetros Sinal CAETANO

Termo específico	CM	PA	O	M
	 	Neutro	 Palma da mão para esquerda  Palma da mão para baixo	 Circular

Fonte: produzido pela autora.

Conforme os apontamentos de Sousa (2022), trata-se de um topônimo composto híbrido, que se utiliza de dois itens lexicais em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras apresenta empréstimo da língua portuguesa na primeira formação e sinal nativo designando área na segunda formação.

O topônimo correspondente em português é de formação simples, constituído por um formante Dick (1990), e sua motivação é baseada em um antropotopônimo, referente ao proprietário da área rural onde atualmente é reconhecido como bairro Caetano. Dick (1990) afirma a motivação por trás de um antropotopônimo é em razão de homenagem e reconhecimento, que é a motivação mais constatada, porém neste caso a motivação se dá como em virtude de o nome do lugar estar ligado ao nome do proprietário que loteou uma área rural dando origem ao bairro.

Percebe-se, através do cotejo dos dois topônimos, que existem diferenças importantes nos critérios de nomeação quanto aos aspectos culturais presentes nas manifestações linguísticas. Enquanto o topônimo em português apresenta elementos relacionados ao âmbito sociocultural, em Libras mesmo apresentando formação genérica pela configuração nº 05 com

movimento circular designando (área), apresenta elementos bilíngues e biculturais sem com isso perder as estratégias formais e visuais que são específicas da modalidade visogestual em que as configurações de mãos, o uso do espaço e movimento são nítidos e inteligíveis. Essa disparidade demonstra que a nomeação de lugares é intrinsecamente ligada à cultura linguística de cada grupo. Em Libras, o processo se baseia na visualidade e nos elementos gestuais, enquanto em português, ele é influenciado pela história e pelo significado social e cultural do nome. Desse modo, ainda que apontem para o mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português surgem de motivações distintas, revelando as variadas formas de interpretar, registrar e transmitir informações culturais e históricas através da linguagem, o que sublinha a riqueza da toponímia em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Centro, é formado por uma unidade em duas configurações de mão simultâneas no espaço neutro. O sinal apresenta as configurações de mão nº73 e a configuração de mão 08 com leve toque para dentro da mão de configuração 73, formando o sinal “Dentro”. A imagem a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 16 - Descrição dos parâmetros Sinal CENTRO

Termo específico	CM	PA	O	M
	 	Neutro	 Palma da mão direita para baixo  Palma da mão esquerda para baixo  Palma da mão esquerda para direita	 Pegar entre

Fonte: produzido pela autora.

Em conformidade com Sousa (2022), trata-se de um topônimo simples, por utilizar apenas um item lexical em sua formação. Quanto a sua motivação, o topônimo em Libras constitui relação com a iconicidade, apresentando a ideia de que o setor comercial, o antigo cinema, o acervo turístico, entre outros, pertencem a um único espaço.

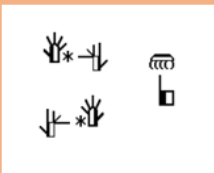
O respectivo topônimo em língua portuguesa também é de formação lexical simples e sua motivação taxionômica Dick (1990) é de natureza física, destacando a localidade como eixo fundador da cidade, tendo em vista que foi o primeiro bairro da cidade a ser estruturado refletindo também a dicotomia centro/periferia, atualmente essa localidade reflete o patrimônio

histórico e cultural da cidade destacando a proximidade com o porto e sua importância as relações transfronteiriças e para a História do Estado de Rondônia.

Ao comparar os dois nomes de lugares, percebemos que os processos de nomeação dialogam e divergem em alguns aspectos, tendo em vista que o português enfatiza o espaço físico em sua relação com outros bairros da cidade e com sua importância histórica, política e cultural para a História do Estado, enquanto a Libras apresenta através da gestovisualidade a conexão interna que o espaço físico proporciona entre os estabelecimentos comerciais, prédios públicos, com os moradores e demais visitantes. Esse contraste demonstra que a toponímia é permeada de elementos que traduzem através da linguagem a cultura e as visões de mundo que cada comunidade desenvolve acerca de um mesmo espaço físico, em Libras, o ato de nomear além de ser gestovisual, também reproduz a iconicidade do espaço físico com seus elementos constitutivos; em português, a mediação enfatiza o espaço físico em relação de importância histórica, econômica, cultural e política.

Quanto ao topônimo Cristo Rey em Libras é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro, com Configuração de mão inicial nº 05 e 57 com leve toque do dedo indicador no centro da palma da mão, com o mesmo movimento alternado entre as duas mãos. Na segunda, ainda em espaço neutro, a mão esquerda na configuração nº 49 sendo tocada levemente pela direita em configuração nº 06 em movimento espalmado para baixo como consta na imagem a seguir, mostrando a estrutura do topônimo.

Figura 17 – Descrição dos parâmetros Sinal CRISTO REY

Termo específico	CM	PA	O	M
		Neutro	 Palma da mão direita para a esquerda	* Tocar
			 Palma da mão esquerda para a direita	
			 Palma da mão direita para esquerda	
			 Palma da mão esquerda para a direita	
			 Palma da mão esquerda para a direita	
			 Palma da mão direita para baixo	

Fonte: produzido pela autora.

Conforme Sousa (2022), trata-se de um topônimo de formação composta por utilizar dois itens lexicais distintos em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras constitui um calque do português tendo em vista que reproduz em Libras literalmente a estrutura sintática do português.

O referido topônimo em português também é composto, formado por mais de um item lexical Dick (1990), e sua motivação está relacionada a presença de uma paróquia denominada Cristo Rey, estando assim classificado como um hierotopônimo, que são topônimos relacionados a elementos da religiosidade católica e Guajará-Mirim por sua característica mais isolada da capital e dos demais municípios preserva em seu calendário cultural festividades tradicionais em concordância com essa classificação toponímica como a solenidade pública da declaração de Jesus Cristo como rei do universo, a festa do Divino Espírito Santo e da padroeira da cidade. Demonstrando assim que a religiosidade também é um traço cultural da cidade que preserva e mantém ativa suas festividades.

A comparação dos dois topônimos destaca grandes diferenças na forma como foram nomeados e nos aspectos culturais subjacentes. Enquanto o português ressalta a religiosidade como elemento da memória coletiva e expressão cultural da população guajaramirense, a Libras prioriza estratégias formais e visuais próprias da modalidade de uma cultura que é falante de uma língua visogestual, assegurando clareza e inteligibilidade por meio da configuração de mãos, espaço e movimento. Esse contraste demonstra que a toponímia é sensível à cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é mediado pela visibilidade gestual; em português, pela religiosidade como expressão de fé e pela representação cultural fortemente marcada pela religião católica.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações diferentes, refletindo distintas maneiras de perceber, registrar e expressar significados religiosos e culturais por meio da linguagem, evidenciando a riqueza e a diversidade da prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Fátima em Libras é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 19, um empréstimo do português sem movimento e na segunda utiliza a configuração nº 05 espalmada para baixo em movimento circular. A imagem a seguir mostra a estrutura do topônimo.

Figura 18 - Descrição dos parâmetros Sinal FÁTIMA

Termo específico	CM	PA	O	M
	 	Neutro	 Palma da mão direita para esquerda  Palma da mão direita para baixo	 Circular

Fonte: produzido pela autora.

De acordo com Sousa (2022), trata-se de um topônimo composto híbrido, por utilizar dois itens lexicais em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras é inicializado pela primeira letra que designa o topônimo em português somado a um sinal nativo.

O topônimo correspondente em português é simples, tendo em vista que é formado por um item lexical Dick (1990), e sua motivação é de um antropotopônimo que homenageia antiga moradora da cidade.

A comparação entre os dois topônimos demonstra diferenças significativas no processo de nomeação e nos aspectos culturais latentes de cada língua em questão. Enquanto o português salienta aspectos da sociedade e da memória cultural, a Libras apresenta estratégias associadas ao bilinguismo e a cultura visogestual, cuja clareza e a compreensibilidade são garantidas pela organização das mãos, do espaço e do movimento.

Esse contraste reforça que a toponímia é influenciada pela cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é realizado mediante a cultura visual e gestual; em português pelas relações sociais estabelecidas entre as pessoas do lugar. Portanto, mesmo fazendo referência ao mesmo espaço físico, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações peculiares, refletindo formas distintas de perceber, registrar e transmitir significados que subjazem às relações sociais e culturais.

Quanto ao topônimo Jardim das Esmeraldas em Libras, O topônimo é formado por duas unidades sendo uma delas resultante de empréstimo da língua portuguesa. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial n° 66 como movimento semicircular lateral. Na segunda, utiliza a configuração n° 05 espalmada para baixo em movimento circular. A imagem a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 19 - Descrição dos parâmetros Sinal JARDIM DAS ESMERALDAS

Termo específico	CM	PA	O	M
	 	Neutro	 Palma da mão direita para baixo  Palma da mão direita para frente	 Rotação de pulso  Circular

Fonte: produzido pela autora.

Segundo Sousa (2022), trata-se de um topônimo composto híbrido por utilizar em sua constituição dois itens lexicais distintos em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras é inicializado pela primeira letra do topônimo em português acrescido de sinal nativo.

O topônimo correspondente em português é composto, sendo formado por mais de um formante Dick (1990), e sua motivação é de natureza física devido à proximidade com a Serra dos Parecis, uma área montanhosa cuja subida é de estrada barrenta. Nesse sentido configura-se como um litotopônimo se referindo a solos, rochas e minerais.

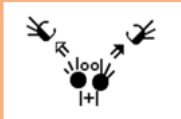
A comparação entre os dois topônimos evidencia diferenças marcantes nos processos de nomeação e nos aspectos culturais subjacentes. Enquanto o português ressalta o espaço físico como referência principal, a Libras prioriza estratégias formais e visuais específicas da modalidade linguística visogestual, fornecendo uma informação clara e inteligível por meio da configuração de mãos, espaço e movimento. Esse contraste revela que a toponímia é também permeada pela cultura linguística de cada grupo de falantes; em Libras, o ato de nomear é mediado pela visibilidade gestual e pela biculturalidade associada ao bilinguismo; em português pelo aspecto geográfico da paisagem que confere significado social ao espaço.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações diferentes, transparecendo as peculiaridades e diferenças nas formas de compreender, registrar e perpetuar significados sociais e culturais sobre o espaço vivido por meio da linguagem, evidenciando o valor da prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Liberdade em Libras, O topônimo é formado de uma unidade no espaço neutro. As duas mãos na configuração 17 com dedos indicadores e polegares unidos

formando círculo em intersecção e movimento separando as mãos em lados opostos. A imagem a seguir mostra a estrutura do topônimo.

Figura 20 - – Descrição dos parâmetros Sinal LIBERDADE

Termo específico	CM	PA	O	M
	  	Neutro	 Baixo  Frente  Diagonal cima, frente	 Retilíneo na MD e ME

Fonte: produzido pela autora.

De acordo com Sousa (2022) trata-se de um topônimo simples constituído de um item lexical em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras é concebido como calque do português, ou seja, reproduz a tradução direta do nome original, preservando o referente sem incorporar explicitamente sua dimensão sociocultural e histórica.

O topônimo correspondente em português considerado simples, formado por apenas um formante Dick (1990), classificado como animotopônimo, sua motivação é baseada no sentimento de liberdade, tendo em vista que Guajará-Mirim abriga remanescentes quilombolas do Vale do Guaporé entre outros migrantes em busca de oportunidades de sobrevivência e oportunidades, de modo que o topônimo confere ao espaço não apenas referência geográfica mas também intersecção com multifacetados contextos históricos e culturais que caracteriza a memória afetiva dos povos da cidade. Nesse sentido, configura-se um animotopônimo pois revela elementos da psique social.

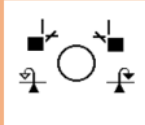
A comparação entre os dois topônimos demonstra diferenças relevantes nos processos de nomeação e nos aspectos que subjazem as culturas envolvidas no processo. Enquanto o português prioriza a dimensão da memória afetiva influenciada pelas histórias da formação do povoado, a Libras prioriza estratégias inerentes a própria língua quanto a visogestualidade por meio da configuração de mãos, espaço e movimento. Esse contraste revela que a toponímia é permeável pelo fluxo cultural linguístico de cada comunidade, em Libras, o ato de nomear é mediado pela visibilidade gestual; em português, Sousa (2022) pela dimensão do psiquismo humano associado à historicidade dos povos migrantes.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações distintas, refletindo diferentes maneiras de perceber, registrar

e transmitir significados culturais e históricos por meio da linguagem, destacando a opulência e a heterogeneidade da prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Nossa Senhora Aparecida em Libras é formado por uma unidade. O sinal inicia acima da cabeça. Na configuração 34 as duas mãos se posicionam lateralmente em movimento da cabeça para os ombros. A imagem, a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 21 – Descrição dos parâmetros Sinal NOSSA SENHORA APARECIDA

Termo específico	CM	PA	O	M
		Neutro	 Palma da mão direita para baixo  Palma da mão esquerda para baixo	 Rotação

Fonte: produzido pela autora.

Segundo Sousa (2022), trata-se de um topônimo simples, por utilizar apenas uma unidade lexical em sua formação. Em termos de motivação o topônimo em Libras é constituído pela iconicidade reportando a imagem do véu usado sobre a cabeça da santa representada.

O topônimo correspondente em português é composto, formado por mais de um formante Dick (1990), e sua motivação pertence ao hagiolôgio católico, configurando-se um hagiotopônimo, que conecta a identidade regional à religiosidade trazida por migrantes em períodos históricos diferentes conhecidos como ciclos da borracha, construção da EFMM e colonização da Amazônia na década de 80. Nesse sentido o topônimo confere ao espaço além da identificação geográfica, valor simbólico da memória coletiva da população local.

Ao observar os dois topônimos percebemos claras diferenças nos seus processos de denominação e nas implicações culturais por trás deles. Enquanto o português acentua a dimensão simbólica, cultural e social, a Libras assegura que sua comunicação seja não apenas clara, mas também facilmente compreendida, ao empregar as formas e os elementos visuais intrínsecos à sua natureza visogestual. Isso se manifesta na precisão de parâmetros linguísticos como a configuração das mãos, que define a forma específica que a mão assume; o ponto de articulação ou espaço, que indica o local onde o sinal é executado no corpo ou no espaço neutro; e o movimento, que descreve a trajetória e a dinâmica da ação. A combinação harmoniosa e intencional desses elementos é fundamental para a distinção semântica dos sinais, garantindo a expressividade e a acurácia da mensagem.

Ao confrontar os dois topônimos, notamos distinções marcantes nos métodos de atribuição de nomes e nas raízes culturais que os fundamentam. Enquanto o português enaltece a dimensão simbólica da religiosidade como aspecto cultural, a Libras assevera inteligibilidade e a nitidez da comunicação garantidas por um conjunto de estratégias formais e visuais intrínsecas à sua modalidade visogestual que é uma marca cultural e identitária do povo surdo. Estas estratégias se manifestam não apenas no arranjo preciso das mãos (a configuração manual, que é a forma assumida pela mão), mas também na sua interação sistemática com o ponto de articulação (o local específico onde o sinal é realizado) e o movimento (a dinâmica e a direção da ação). A combinação padronizada e interdependente desses elementos é que permite a construção de um léxico rico potente para a transmissão de mensagens complexas.

Esse contraste demonstra que a toponímia é moldada pela cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é mediado pela visibilidade gestual; em português, pela manifestação religiosa como importante eixo aglutinador da vida cultural e social da população local. Portanto, apesar de se referir ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações distintas, refletindo perspectivas diferentes nas estratégias de interpretar, registrar e produzir significados culturais e históricos por meio da linguagem.

Quanto ao topônimo Planalto em Libras é formado por uma unidade. No espaço neutro as duas mãos estão em configuração nº 01 e 03, realiza um movimento retilíneo em movimento de declinação da esquerda para a direita, que está parada espalmada para a esquerda. A imagem a seguir mostra a estrutura do topônimo.

Figura 22 – Descrição dos parâmetros Sinal PLANALTO

Termo específico	CM	PA	O	M
	 	Neutro	 Palma da mão para direita  Palma da mão para baixo	 Sinuoso

Fonte: produzido pela autora.

Com base em Sousa (2022), trata-se de um topônimo composto híbrido, por se utilizar de dois itens lexicais distintos em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em

Libras revela iconicidade, ou seja, existe uma conexão entre o modo de produção visogestual e seu referente.

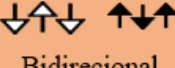
O topônimo correspondente em português é simples, formado por apenas um formante Dick (1990), e sua motivação é de natureza física, classificado como geomorfotopônimo, neste caso correspondente à característica do espaço geográfico.

A comparação entre os dois topônimos evidencia semelhanças e diferenças quanto aos processos de nomeação tendo em vista que nas duas línguas o topônimo faz referência ao espaço, enquanto o português se atém às características do espaço geográfico, a Libras se apropria da visuogestualidade para designar o referente. Este contraste demonstra que a toponímia é sensível à cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é mediado pela visibilidade gestual; em português pelo acervo do conhecimento geográfico na caracterização do espaço nomeado.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço e apresentarem alguns pontos de intersecção na nomeação, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações distintas, refletindo multifacetadas estratégias de perceber, registrar e transmitir significados culturais por meio da linguagem, evidenciando a riqueza e a diversidade da prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Próspero em Libras O topônimo é formado por uma unidade. O sinal é realizado no espaço neutro com as duas mãos configuradas na posição nº 55 lado a lado em movimento retilíneo repetitivo. A imagem, a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 23 – Descrição dos parâmetros Sinal PRÓSPERO

Termo específico	CM	PA	O	M
		Neutro	 Palma da mão na diagonal para direita, baixo  Palma da mão na diagonal para esquerda, baixo	 Bidirecional

Fonte: produzido pela autora.

De acordo com Sousa (2022), trata-se de um topônimo simples híbrido, por utilizar um formativo com empréstimo da língua oral em sua estrutura. Em termos de motivação, o

topônimo em Libras constitui um léxico inicializado pela primeira letra do topônimo em português.

O topônimo correspondente em português é também simples, formado por apenas um formante Dick (1990), e sua motivação é animotopônica pois revela elementos sobre expectativas de vida, sonhos e planos futuros que dialogam com a memória histórica da formação e crescimento do município de Guajará-Mirim.

O cotejo entre os dois nomes de lugares revela diferenças significativas tanto nos critérios de sua nomeação quanto nos seus respectivos contextos culturais velados. Enquanto o português enfatiza a dimensão psíquica humana de desenvolvimento e crescimento afortunado, a Libras revela inteligibilidade e a nitidez da comunicação em Libras garantidas por um conjunto de estratégias formais e visuais intrínsecas à sua modalidade visogestual. Na forma das mãos (a configuração manual, que é a forma assumida pela mão), mas também na sua interação sistemática com o ponto de articulação (o local específico onde o sinal é realizado) e o movimento (a dinâmica e a direção da ação). A combinação padronizada e interdependente desses elementos também está associada ao caráter bilíngue da Libras que está imersa em uma cultura majoritariamente falante da língua portuguesa. Esses elementos permitem a construção de um léxico rico, a transmissão de mensagens complexas com exatidão e a distinção clara entre diferentes conceitos.

Esse contraste demonstra que a toponímia é afetada pelas experiências das culturas linguísticas de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é mediado pela visibilidade gestual e a condição bilíngue e bicultural de seus falantes; em português, percebemos as marcas da historicidade rememorada pelo significado social do nome.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações distintas, refletindo diferentes maneiras de perceber, registrar e transmitir significados culturais e históricos por meio da linguagem, evidenciando a riqueza e a diversidade da prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Santa Luzia em Libras é formado por duas unidades. Nas duas unidades o sinal se realiza em espaço neutro com as duas mãos, sendo que na primeira formação, o sinal é produzido com Configuração de mãos inicial nº 09 e 06 representando o comércio da praça do bairro e na formação final ambas as mãos na configuração nº 11 (referência a tomar a cuia de tacacá). A imagem, a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 24 – Descrição dos parâmetros Sinal SANTA LUZIA

Termo específico	CM	PA	O	M
	   	Neutro	 Palma da mão para cima  Palma da mão para baixo  Palma da mão para a esquerda  Palma da mão para a direita	  Diagonal para cima  Pegar entre

Fonte: produzido pela autora.

De acordo com Sousa (2022), trata-se de um topônimo composto, por utilizar dois itens lexicais em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras constitui uma motivação icônica, Sousa (2022) afirma que a iconicidade participa da estrutura da língua tendo em vista que o modo de produção favorece a associação entre a construção sinalizada, reproduzindo característica da cultura regional no espaço de relações sociais.

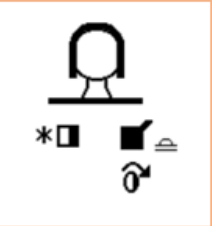
O topônimo correspondente em português é também composto, formado por mais de um formante Dick (1990), e sua motivação é relacionada à santos da igreja católica ressaltando um importante elemento que marca a cultura, as crenças e o valor simbólico do nome no processo de territorialização de um espaço geográfico. Nesse sentido o topônimo é classificado como hagiopônimo.

A comparação entre os dois topônimos revela distanciamentos quanto aos processos de nomeação e nos aspectos que subjazem a cultura. Enquanto o português enfatiza a dimensão referencial religiosa, a Libras prioriza estratégias formais e visuais próprias da modalidade visogestual, assegurando clareza e inteligibilidade por meio da configuração de mãos, espaço e movimento. Esse contraste demonstra que a toponímia é sensível à cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é literalmente mediado pela visibilidade gestual; em português pela importância dada pela cultura local ao aspecto religioso conferindo historicidade no significado social do nome.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações distintas, refletindo diferentes maneiras de perceber, registrar e transmitir significados culturais e históricos por meio da linguagem, evidenciando quão rica e diversa é a prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo São José em Libras O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 69 no lado esquerdo com leve toque no peito e final nº65 em espaço neutro. A imagem, a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 25 – Descrição dos parâmetros Sinal SÃO JOSÉ

Termo específico	CM	PA	O	M
	 	Neutro	 	 Semicircular

Fonte: produzido pela autora.

Segundo Sousa (2022), trata-se de um topônimo composto híbrido, por utilizar dois itens lexicais distintos em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras é inicializado, motivado pela primeira letra do topônimo em português.

O topônimo correspondente em português é composto, formado por mais de um formante Dick (1990), e sua motivação é baseada em elementos da religiosidade católica, sendo, portanto, um hagiotopônimo, demarcando um esse território como expressão da cultura e da memória coletiva da sociedade local.

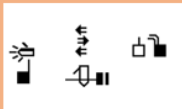
A comparação entre os dois topônimos evidencia diferenças significativas nos processos de nomeação e nos aspectos que permeiam a cultura. Enquanto o português enaltece os aspectos religiosos presentes na cultura, a Libras elenca as estratégias formais e visuais próprias da modalidade visogestual, que além de clareza revela seu caráter bilíngue e que um nível de relação da Libras com o português se dá na nomeação de espaços físicos. Esse contraste demonstra que a toponímia é suscetível a influência da cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é mediado pela visibilidade gestual e pelos traços interculturais com a língua portuguesa; em português pela religiosidade que confere sentido cultural e social ao nome do lugar.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações distintas, refletindo diferentes maneiras de perceber, registrar

e transmitir significados culturais e históricos por meio da linguagem, evidenciando a riqueza e a diversidade da prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Serraria em Libras O topônimo é formado por três unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com configuração de mão inicial nº 53 e 05. Na segunda com a configuração 03 do lado de fora do antebraço (referência ao sinal rua). Na terceira formação usa-se a configuração nº 68 e 32. (referência ao número 15). A imagem, a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 26 – Descrição dos parâmetros Sinal SERRARIA

Termo específico	CM	PA	O	M
		Neutro	Palma da mão direita para frente	 Bidirecional
			Palma da mão direita para trás	
			Palma da mão esquerda para baixo	
			Palma da mão direita para trás	
			Palma da mão direita para baixo	
			Palma da mão esquerda para frente	
				

Fonte: produzido pela autora.

Segundo Sousa (2022), trata-se de um topônimo composto híbrido, por utilizar três itens lexicais distintos em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras constitui uma motivação se dá por empréstimo linguístico.

O topônimo correspondente em português é simples, formado por um único formante Dick (1990), e sua motivação é diretamente ligada à atividades profissionais, sendo portanto um sociotopônimo revelando ainda elementos importantes da vida social e econômica da sociedade local.

Ao confrontar os dois topônimos, notam-se distinções marcantes nos métodos de atribuição de nomes e nas raízes culturais que os fundamentam. Enquanto o português enfatiza a dimensão referencial da vida profissional e dos estabelecimentos de ocupações profissionais, em Libras A Libras assegura que sua comunicação seja não apenas clara, mas também facilmente compreendida, ao empregar as formas e os elementos visuais intrínsecos à sua natureza visogestual. Isso se manifesta na precisão de parâmetros linguísticos como a CM, que

define a forma específica que a mão assume; o PA, que indica o local onde o sinal é executado no corpo ou no espaço neutro; e o M, que descreve a trajetória e a dinâmica da ação. A combinação harmoniosa e intencional desses elementos é fundamental para a distinção semântica dos sinais, garantindo a expressividade e a acurácia da mensagem.

Esse contraste demonstra que a toponímia é tangível à cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é mediado pela visibilidade gestual; em português, pela historicidade e pelo significado social que os estabelecimentos e as profissões conferem ao nome.

Dessa forma, mesmo que se refiram ao mesmo local geográfico, os nomes de lugares em Libras e em português surgem de motivações variadas, que podem incluir características físicas proeminentes, eventos históricos marcantes, figuras importantes ou até mesmo a percepção cultural da comunidade. Isso evidencia as distintas abordagens para compreender, codificar e comunicar valores culturais e registros históricos através da linguagem. Enquanto o português, como língua oral-auditiva e escrita, frequentemente nomeia lugares com base em etimologias históricas, descrições fonéticas ou homenagens a personalidades, a Libras, como língua visuoespacial, tende a criar sinais icônicos que descrevem visualmente o local, sua característica mais notável ou um evento significativo para a comunidade surda. Essa diferença realça a complexidade e a variedade das práticas de nomeação geográfica em distintas modalidades linguísticas, cada uma com sua própria estrutura e maneira de interagir com o espaço e a cultura.

Quanto ao topônimo Santo Antônio em Libras O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 68 e final nº 73 (referência ao numeral 10). Na segunda, a mão está ao lado do pescoço (sem tocar no corpo), em configuração de mão nº 67, e faz um movimento retilíneo, diagonal para cima. A imagem, a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 27 – Descrição dos parâmetros Sinal SANTO ANTÔNIO

Termo específico	CM	PA	O	M
	  	Neutro	 Palma da mão direita para baixo  Palma da mão esquerda para baixo  Palma da mão direita para frente	  Retilíneo direção parede

Fonte: produzido pela autora.

De acordo com Sousa (2022), trata-se de um topônimo simples, por utilizar um item lexical em sua formação. Em termos de motivação, o topônimo em Libras constitui uma motivação por empréstimo linguístico.

O topônimo correspondente em português é composto, formado por mais de um formante Dick (1990), e sua motivação é relacionada à santos da igreja católica ressaltando um importante elemento que marca a cultura, as crenças e o valor simbólico do nome no processo de territorialização de um espaço geográfico. Nesse sentido, configura-se um hagiotopônimo.

A comparação entre os dois topônimos revela distanciamentos quanto aos processos de nomeação e nos aspectos que subjazem a cultura. Enquanto o português enfatiza a dimensão referencial religiosa, a Libras prioriza estratégias formais e visuais próprias da modalidade visogestual, assegurando clareza e inteligibilidade por meio da configuração de mãos, espaço e movimento. Esse contraste demonstra que a toponímia é sensível à cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é literalmente mediado pela visibilidade gestual; em português pela importância dada pela cultura local ao aspecto religioso conferindo historicidade no significado social do nome.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações distintas, refletindo diferentes maneiras de perceber, registrar e transmitir significados culturais e históricos por meio da linguagem, evidenciando quão rica e diversa é a prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Tamandaré em Libras O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 68 e final nº 73 (referência ao numeral 10). Na segunda, a mão está ao lado do pescoço (sem tocar no corpo), em configuração de mão nº 67, e faz um movimento retilíneo, diagonal para cima. A imagem, a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 28 – Descrição dos parâmetros Sinal TAMANDARÉ

Termo específico	CM	PA	O	M
	 	Neutro	 Palma da mão para baixo  Palma da mão para frente	 Circular

Fonte: produzido pela autora.

De acordo com Sousa (2022), trata-se de um topônimo simples. Em termos de motivação, o topônimo em Libras constitui uma motivação icônica, ou seja, o modo de produção envolve articuladores oportunizando a associação entre a construção sinalizada e seu referente. Sousa (2022) afirma que a iconicidade participa da estrutura da língua tendo em vista que o modo de produção favorece a associação entre a construção sinalizada, reproduzindo característica da cultura regional no espaço de relações sociais.

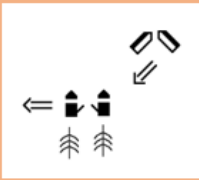
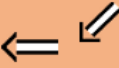
O topônimo correspondente em português é simples híbrido, formado por um formante de outra língua Dick (1990), sua motivação é relacionada origem indígena (tupi). Sendo assim o topônimo configura-se como hitoriotopônimo.

A comparação entre os dois topônimos revela distanciamentos quanto aos processos de nomeação e nos aspectos que subjazem a cultura. Enquanto o português enfatiza a dimensão referencial da interculturalidade entre os povos da Amazônia, a Libras prioriza estratégias formais e visuais próprias da modalidade visogestual, assegurando clareza e inteligibilidade por meio da configuração de mãos, espaço e movimento. Esse contraste demonstra que a toponímia é sensível à cultura linguística de cada comunidade: em Libras, o ato de nomear é literalmente mediado pela visibilidade gestual; em português pela importância dada pela cultura local em contato com povos originários.

Portanto, apesar de se referirem ao mesmo espaço, os topônimos em Libras e em português apresentam motivações distintas, refletindo diferentes maneiras de perceber, registrar e transmitir significados culturais e históricos por meio da linguagem, evidenciando quão rica e diversa é a prática toponímica em diferentes modalidades linguísticas.

Quanto ao topônimo Triângulo em Libras O topônimo é formado por duas unidades com utilização das duas mãos em espaço neutro sem contato com o corpo. Na primeira, o sinal é produzido em configuração de mão nº 03 em movimento descendente da direita para esquerda. Na segunda, as mãos estão na configuração 02 espalmadas para baixo. A imagem, a seguir, mostra a estrutura do topônimo.

Figura 29 – Descrição dos parâmetros Sinal TRIANGULO

Termo específico	CM	PA	O	M
	   	Neutro	 Palma da mão esquerda para baixo  Palma da mão direita para baixo  Palma da mão esquerda na diagonal para a direita, baixo  Palma da mão direita na diagonal para a esquerda, baixo	 Sobrepostos  Giro de chave

Fonte: produzido pela autora.

Em conformidade com Sousa (2022), trata-se de um topônimo composto, por utilizar dois itens lexicais em sua formação. Quanto a sua motivação, o topônimo em Libras constitui relação com a iconicidade, reproduzindo aspectos das moradias precárias em áreas alagadiças durante as cheias do rio Mamoré.

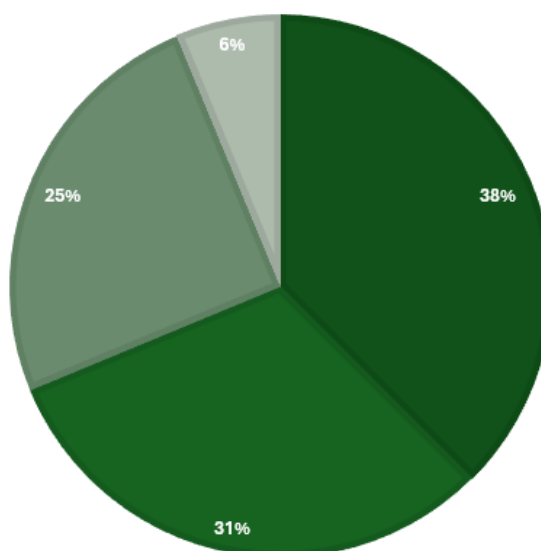
O respectivo topônimo em língua portuguesa é de formação lexical simples, formado por um formante Dick (1990) e sua motivação taxionômica é de natureza física, destacando o recorte espacial da localidade nomeada. Nesse sentido, configura-se como um geomorfotopônimo fazendo referência a formas topográficas em geral.

Ao comparar os dois nomes de lugares, percebemos que os processos de nomeação divergem em alguns aspectos, tendo em vista que o português enfatiza a forma topográfica do espaço, enquanto a Libras apresenta estratégias e formas visuais próprias da modalidade visogestual, assegurando clareza e inteligibilidade por meio da configuração de mãos, espaço e movimento. Esse contraste demonstra que a toponímia é permeada de elementos que traduzem através da linguagem a cultura e as visões de mundo que cada comunidade desenvolve acerca de um mesmo espaço físico, em Libras, o ato de nomear além de ser gestovisual, também reproduz a iconicidade do espaço físico com seus elementos constitutivos; em português, a mediação enfatiza o espaço físico em seu recorte topográfico.

Quantitativamente, podemos entender que, quanto às formações, os topônimos em Libras apresentaram os seguintes valores: 6 topônimos compostos híbridos, 5 topônimos simples, 4 topônimos compostos e 1 topônimo simples híbrido. Esses valores podem ser visualizados, em percentuais, no gráfico a seguir.

Figura 30 – Formações toponímicas em Libras

■ Composto Híbrido ■ Simples ■ Composto Híbrido ■ Simples Híbrido

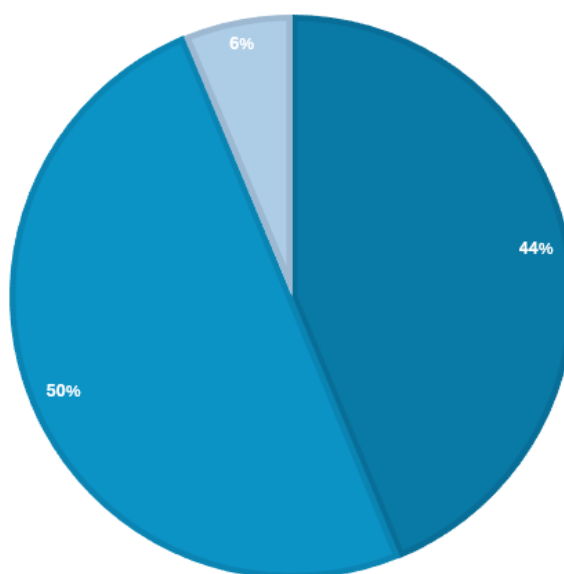


Fonte: Elaborado pela autora.

Os topônimos em português, somaram 8 topônimos simples, 7 topônimos compostos, 1 topônimo simples híbrido, e nenhum topônimo do tipo composto híbrido. O gráfico a seguir apresenta esses quantitativos em números percentuais.

Figura 31 – Formações toponímicas em Português

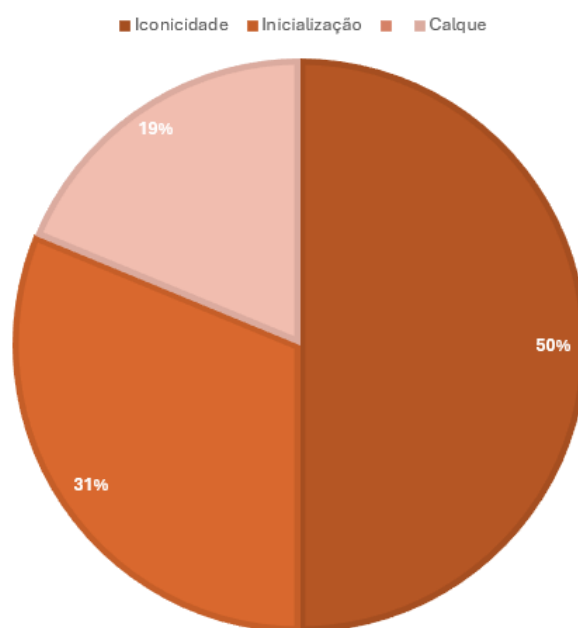
■ Composto ■ Simples ■ Simples Híbrido



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto aos aspectos semântico motivacionais, os topônimos em Libras apresentam as seguintes somas: 8 topônimos motivados por Iconicidade (referência a elementos refletidos na forma do sinal), 5 topônimos inicializados (referência a letras iniciais do topônimo em português) e 3 calques (tradução direta do topônimo em português). Em números percentuais, podemos visualizar o gráfico a seguir.

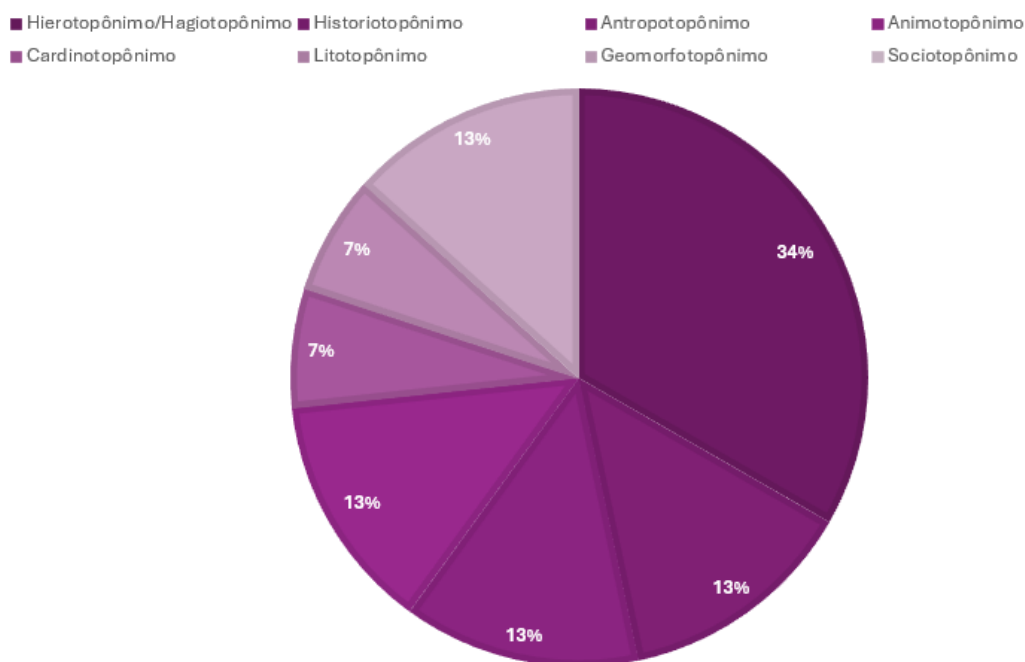
Figura 32 – Motivações toponímicas em Libras



Fonte: Elaborado pela autora.

Na toponímia em português, as motivações somaram: 5 hierotopônimos/hagiotopônimos (referência a elementos ou personalidades religiosas), 2 historiotopônimos, 2 antropotopônimos, 2 animotopônimos, 2 geomorfotopônimos, 1 cardinotopônimo, 1 litotopônimo e 1 sociotopônimo – como podemos verificar no gráfico a seguir. Essa distribuição evidencia a forte presença de referenciais religiosos no processo de nomeação, revelando a centralidade da fé e da tradição religiosa na construção do espaço urbano. Observa-se também a recorrência de motivações históricas e antropoculturais, que refletem acontecimentos, personagens e experiências coletivas significativas para a comunidade. As categorias ligadas à natureza e à organização social indicam, ainda, a relação direta entre o ambiente físico, as dinâmicas sociais e as práticas de nomeação. De modo geral, o conjunto dos dados aponta para a pluralidade de fatores linguísticos, culturais e simbólicos que orientam a toponímia local.

Figura 33 – Motivações toponímicas em Português



Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, a análise comparativa dos dados quantitativos evidencia diferenças significativas entre a formação e as motivações dos topônimos em Libras e em português, refletindo não apenas especificidades linguísticas, mas também distintas formas de relação cultural com o espaço. No que se refere às formações toponímicas, observa-se que, em Libras, há maior diversidade estrutural, com destaque para os topônimos compostos híbridos, que constituem o grupo mais numeroso, seguidos pelos topônimos simples e compostos. A presença expressiva de formações híbridas indica um forte diálogo entre a Libras e o português, resultado do contato linguístico e da circulação do registro escrito como mediador no processo de nomeação. Em contraste, os topônimos em português apresentam uma distribuição mais tradicional, concentrada sobretudo em formações simples e compostas, sem ocorrência de topônimos compostos híbridos, o que sugere maior estabilidade morfológica e menor influência direta de outras línguas na estrutura dos nomes.

No plano das motivações semântico-motivacionais, as diferenças tornam-se ainda mais evidentes. Na Libras, predomina a iconicidade, evidenciando a centralidade da visualidade e da experiência perceptiva na construção dos sinais toponímicos. A expressiva ocorrência de topônimos inicializados reforça a influência do português escrito e confirma a presença de processos de empréstimo linguístico, sobretudo por meio do calque e da inicialização, que

funcionam como estratégias de mediação entre as duas línguas. Esses dados revelam que a nomeação em Libras articula princípios próprios da língua de sinais com mecanismos de adaptação oriundos do contato linguístico, resultando em sinais que não são meras reproduções do português, mas reconfigurações simbólicas adequadas à modalidade visual-espacial.

Já na toponímia em português, as motivações apresentam maior diversidade categorial, com predominância de hierotopônimos e hagiotoipônimos, seguidos por categorias de cunho histórico, antropológico e geográfico. Esse quadro revela, como dissemos anteriormente, uma forte marca cultural e histórica na nomeação dos espaços, evidenciando valores ligados à religião, à memória coletiva, à ocupação do território e aos processos de colonização. Diferentemente da Libras, em que a motivação está fortemente vinculada à forma do sinal e à visualização do referente, o português privilegia motivações de ordem simbólica, histórica e social, ancoradas na tradição escrita e na memória cultural da comunidade ouvinte.

Desse modo, a comparação entre os resultados permite concluir que os topônimos em Libras e em português refletem modos distintos de significar o espaço urbano. Enquanto a Libras privilegia estratégias visuais, icônicas e de contato linguístico, evidenciando a agência da comunidade surda na adaptação e criação de sinais, o português preserva uma tradição toponímica marcada por referências históricas, religiosas e culturais consolidadas. Essas diferenças reforçam a ideia de que a nomeação dos lugares é um processo profundamente cultural e linguístico, no qual cada língua mobiliza seus próprios recursos estruturais e semântico-motivacionais para construir sentidos sobre o território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como propósito analisar os processos de nomeação dos bairros da cidade de Guajará-Mirim, situada na fronteira entre o Brasil e a Bolívia, em uma perspectiva bilíngue — Libras e português —, a fim de compreender as motivações, as formas e as relações socioculturais que permeiam essas denominações. Partindo do entendimento de que nomear é um ato de dar existência, conforme afirma Sousa (2022) ao dizer que “nomear é fazer existir”, buscou-se compreender como os topônimos, em suas duas línguas de expressão, materializam modos distintos de ver, compreender e significar o espaço urbano fronteiriço. Nesse sentido, estudar os processos de nomeação em Libras e em português não apenas revela a estrutura formal e semântica dos nomes, mas permite compreender as dinâmicas culturais e identitárias que atravessam a região, marcada pelo encontro de povos, línguas e tradições.

Ao longo da investigação, observou-se que os topônimos em Libras e em português seguem trajetórias motivacionais distintas, refletindo dois modos de nomear o mundo que se apoiam em diferentes bases culturais e perceptuais. A nomeação em português, historicamente vinculada à cultura ouvinte, apresenta forte influência religiosa, sobretudo católica, o que pode ser explicado pela presença marcante de nordestinos na região Norte, especialmente durante o ciclo da borracha, período de intensa migração e expansão territorial. Os dados quantitativos corroboram essa afirmação, uma vez que os hierotopônimos e hagiotopônimos constituem o grupo motivacional mais numeroso entre os topônimos em português, superando categorias como historiotopônimos, antropotopônimos e geomorfotopônimos. Esse predomínio evidencia a continuidade de uma tradição toponímica que associa o ato de nomear à fé, à devoção e à memória histórica dos colonizadores, reafirmando valores simbólicos herdados do processo de ocupação da região amazônica.

Já na Libras, observou-se um processo motivacional diferenciado, marcado pela iconicidade e pela visualidade próprias da língua de sinais, mas também pelo contato linguístico com o português. Os dados revelaram que a maioria dos topônimos em Libras é motivada pela iconicidade, seguida por sinais inicializados e por calques, o que evidencia que a experiência visual e perceptiva ocupa lugar central na construção desses sinais. Quantitativamente, a recorrência de sinais inicializados e de formações híbridas — sobretudo os topônimos compostos híbridos, que se destacam entre as estruturas registradas — confirma a influência da escrita do português como mediadora no processo de nomeação. Esses resultados demonstram que o bilinguismo e a convivência entre línguas de modalidades distintas não produzem simples

correspondências lexicais, mas formas híbridas e criativas de nomeação, nas quais o sinal resulta de uma recriação simbólica que articula visualidade, iconicidade e contato linguístico.

No que diz respeito às formações toponímicas, a comparação entre as duas línguas também se mostrou reveladora. Enquanto os topônimos em português apresentaram maior concentração em estruturas simples e compostas, sem ocorrência de topônimos compostos híbridos, os dados da Libras indicaram maior diversidade estrutural, com presença significativa de formações híbridas. Esse contraste evidencia diferenças nos modos de organização lexical das duas línguas: de um lado, o português mantém padrões morfológicos mais estabilizados; de outro, a Libras revela maior flexibilidade estrutural, associada às estratégias visuais e aos processos de empréstimo e adaptação linguística. Assim, os dados quantitativos reforçam a compreensão de que a Libras mobiliza recursos próprios para nomear o espaço, mesmo quando dialoga intensamente com o português.

A importância de se estudar os processos de nomeação em duas línguas vai além da comparação linguística: trata-se de compreender a coexistência de dois universos culturais que, embora compartilhem o mesmo território geográfico, constroem sentidos distintos sobre o espaço e a identidade. Nomear, nesse contexto, é também um ato de resistência e pertencimento. Na Libras, cada sinal toponímico carrega não apenas a representação de um lugar, mas também a marca da cultura surda e de sua forma singular de apreender o mundo, ancorada na visualidade e na experiência corporal. Já em português, os nomes refletem heranças coloniais, valores religiosos e práticas socioculturais consolidadas, evidenciando uma memória histórica sedimentada no espaço urbano. São, portanto, dois processos culturais distintos de nomeação, o que justifica — e confirma — a diferença observada nos padrões motivacionais e estruturais entre as duas línguas.

Os resultados alcançados permitem afirmar que os topônimos de Guajará-Mirim, em Libras e em português, revelam dimensões complementares de uma mesma realidade sociolinguística e cultural. A fronteira Brasil-Bolívia, espaço de intenso trânsito linguístico, constitui também um território simbólico de contato, conflito e criação. A coexistência de Libras e português nas nomeações urbanas evidencia como as línguas se influenciam mutuamente e como os sujeitos — surdos e ouvintes — constroem pertencimentos e identidades a partir dos nomes que atribuem aos lugares. A análise quantitativa e qualitativa demonstrou que essas influências não são simétricas nem homogêneas, mas atravessadas por relações de poder, história e cultura.

Do ponto de vista científico, esta pesquisa insere-se em um campo em franca expansão: o da Toponímia em Libras. Ao articular fundamentos da Onomástica, da Iconicidade e dos

estudos sobre contato linguístico, o trabalho contribui para a consolidação de uma base metodológica capaz de dar conta da especificidade das línguas de sinais como sistemas autônomos de nomeação do espaço. O cruzamento entre dados formais e motivacionais, aliado à análise quantitativa, possibilitou uma leitura mais precisa e abrangente do fenômeno toponímico em contexto bilíngue e fronteiriço.

No plano social e cultural, o estudo reafirma a Libras como língua legítima de produção de conhecimento, memória e identidade. Ao evidenciar que os sinais toponímicos não são simples traduções, mas criações linguísticas próprias, a pesquisa destaca a agência da comunidade surda na construção simbólica do território. Isso reforça a necessidade de políticas linguísticas e educacionais voltadas ao registro, à documentação e ao ensino dos sinais toponímicos, garantindo o acesso equitativo das pessoas surdas à informação geográfica e à memória dos lugares que habitam.

Da perspectiva da pesquisadora, esta investigação abre possibilidades para novas abordagens analíticas que explorem a toponímia em Libras em outros contextos urbanos, rurais e fronteiriços, bem como para estudos comparativos envolvendo outras línguas de sinais. Por fim, reconhece-se que o estudo aqui apresentado não se encerra em si mesmo, mas constitui um passo importante na construção de uma Toponímia em Libras no Brasil, que reconheça, valorize e faça existir — em toda a sua potência simbólica — a maneira surda de nomear o mundo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, M. C. Descrição e análise dos sinais topônimos em Libras. In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012, p. 109-121.
- AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoas: introdução à antroponímia brasileira**. São Paulo: Blucher, 2020.
- ANTUNES, I. **Território das palavras** – estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.
- BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – A Motivação dos Sinais-Nomes. **Revista RE-UNIR**, v. 5, nº 2, 2018, p. 40-62. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/3092> Acesso em: 14 set. 2025.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001a, p. 13-22.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística** – leitura e crítica. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- BOOTH, W.C.; COLOMB, G.G.; WILLIAMS, J.M. **A arte da pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BORZACOV, Y. P. **Rondônia Cabocla**. Porto Velho: CRB, 2002.
- CARNEIRO, B. G. Ampliação lexical da Libras: aspectos icônicos. **Leitura**, v. 1, n. 57, p. 104-119, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2840>. Acesso em: 11 out. 2024.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHAIBUE, K. **Onomástica em Libras de Formosa-GO**. 2022. 500 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.
- DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, M. V. P. A. **Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos**. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.
- DINIZ, H. G. A história da língua de sinais brasileira (libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. (org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Insular, 2013, 59-77.
- DORÉ, A.; FURTADO, J. **História do Brasil em 25 mapas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DOUETTES, B. B. **Topônimos bíblicos em línguas de sinais**: levantamento, catalogação e motivação linguística. 2023. 263f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

DUBOIS, J. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. et al. **Proposta curricular para o ensino de português escrito como segunda língua para estudantes surdos da educação básica e do ensino superior**. Caderno Introdutório. Brasília: Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação: DIPEBS/SEMESP/MEC, 2021.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica. 290f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2009.

FERREIRA, D. **Topônimos da Libras que designam cidades paranaenses**: motivação, morfologia e variação. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2025.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p. 5, 1997.

HARDMAN, F. F. **O Trem Fantasma/A Modernidade na Selva**, Editora: Companhia das Letras, São Paulo, 1988.

ISQUERDO, A. N. Prefácio. In: AMARAL, E. T. R.; SAIDE, M. S. **Nomes próprios de pessoa**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020.

ISQUERDO, A. N.; DARGEL, A. P. T. P. Hidronímia e toponímia: interinfluências entre meio ambiente e história. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: UDUFMS, 2014, p. 63-80.

JESUS, C. M. A. **Lugar de fé e resistência: estudo toponímico em línguas orais e Libras dos terreiros do Recôncavo da Bahia**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS, 2025.

JOHNSTON, T. A.; SCHEMBRI, A. On defining lexeme in a signed language. **Sign language & linguistics**, v. 2, n. 2, 1999, p. 115-185.

LEITE, T. A. Reflexões terminológicas no campo da linguística (das línguas de sinais). In: REIS, L. S.; FIGUEIREDO, A. A. A. (org.) **Línguas de sinais de um continente a outro**: atualidades linguísticas, culturais e de ensino. São Paulo: Pontes, 2021, p. 161-196.

LILLO-MARTIN, D.; GAJEWSKY, J. **One grammar or two? Sign language and the nature of human language**. WIREs CognSci, v.5, n.1, 2014, p. 387-401.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (org.) **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

MARINS, M. J. S. **Estudo toponímico português-Libras das unidades de saúde de Feira de Santana (BA)**. 2024. 145f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **Geografia de Rondônia: espaço & produção**. 3ª edição, Porto Velho, Dinâmica Editora e Distribuidora LTDA.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PEREIRA, A. B. **Toponímia em Libras de Rondônia: análise formal e semântico-motivacional dos nomes dos municípios**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres: UNEMAT, 2025.

PERNISS, P. **Space and iconicity in German Sign Language (DGS)**, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2066/30937> Acesso em: 5 out. 2025.

PINTO, A. S. **Literatura e História: Vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim/RO**. Porto Velho: Temática editora, 2021.

POLGÈRE, A. **Lexicologia e semântica lexical**. São Paulo: Parábola, 2016.

PORTO DAS LETRAS, v. 8, n. 2, 2022, Porto Nacional –TO Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/issue/view/10.20873pl69> Acesso em: 17 dez. 2025.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M.; MACHADO, R. N.; SILVA, J. B. **Introdução ao estudo da Libras**. São Paulo: Contexto, 2025.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 16ª edição Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS-JUNIOR, J. R. **Toponímia em Libras: a construção colaborativa de uma proposta didática bilíngue para o ensino de surdos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres: UNEMAT, 2025.

SEABRA, M. C. T. C.; ISQUERDO, A. N. Onomastics in Different Perspectives: Research Results. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018. DOI: 10.17851/2237-2083.26.3.993-1000

SERRANO, F. P. **Pesquisar no labirinto: a tese de doutorado, um desafio possível; tradução: Marcos Marcionilo** – São Paulo: Parábola Editorial 2011.

SOUSA, A. M. Onomástica em Libras. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. **Perspectivas para o ensino de línguas 6**. Rio Branco, AC: EDUFAC, 2022b, p. 6-20. Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/livros/PerspectivasEnsino.pdf> Acesso em: 20 dez. 2024

SOUSA, A. M. Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais. In: ISQUERDO, A. N. (org.) **Toponímia urbana: estudos**. Campo Grande, MS: EDUFMS, 2023a, p. 16-53.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado – Linguística Aplicada/Libras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019b.

SOUSA, A. M. Toponímia em Libras: iconicidade e empréstimos na formação dos sinais. In: ISQUERDO, A. N.; MARQUES, E. A. (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: EDUFMS, 2023b, p. 80-101.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022a. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/05/eBook_Toponimia-libras.pdf Acesso em: 20 dez. 2024.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7–22, 2020. DOI: 10.14393/Lex5- v3n1a2017-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813>.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em Língua de sinais. **Revista Guavira**, v. 15, n. 30. Campo Grande: UFMS, 2019.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Toponymy in Libras (Brazilian Sign Language): formal and semantic motivational analysis of the signs that name the cities of Acre. **Sign Language Studies**. Estados Unidos: Gallaudet University Press, 2021.

SOUZA, A. J. **Criação lexical em textos publicitários: análise de onônimos**. 107f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística/Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

SOUZA, K. M. **Registro, descrição e análise motivacional dos sinais de cidades do estado de Goiás: a Toponímia em Libras numa interface com a Linguística de Corpus**. 2023. 340 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

SOUZA-JUNIOR, E. G. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, DF, Universidade de Brasília, UnB, 2012.

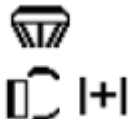
TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004.

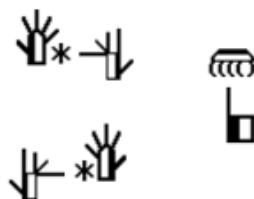
XAVIER, P. A. M. H. **Toponímia em Libras do estado do Mato Grosso**: análise dos sinais de municípios. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres: UNEMAT, 2025.

ANEXOS – FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 01	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	10 de abril
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Historiotopônimo
Motivação semântica	10 de abril é o dia da emancipação político-administrativa de Guajará-Mirim, que se deu em 1929.
Tipo de formação lexical	Composta
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/yTt5q93mAKo	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 68 e final nº 73 (referência ao numeral 10). Na segunda, a mão está ao lado do pescoço (sem tocar no corpo), em configuração de mão nº 67, e faz um movimento retilíneo, diagonal para cima.	
Tipo de formação lexical	Composta híbrida
Classificação toponímica (Taxonomia)	Calque
Motivação semântica	Tradução direta de “10 de abril”
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

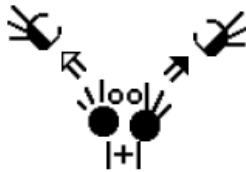
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 02	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Caetano
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Antropotopônimo
Motivação semântica	Caetano é o nome do antigo proprietário que loteou a área denominada bairro Caetano.
Tipo de formação lexical	Simples
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/LC-s7QaVqbQ	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 12, letra C, inicial do antropotopônimo. Na segunda, a mão está em espaço neutro com configuração final nº 05 espalmada para baixo em movimento circular (referência ao sinal área).	
Tipo de formação lexical	Composta híbrida
Classificação toponímica (Taxonomia)	Inicializado com letra C
Motivação semântica	Sinal motivado pela primeira letra da palavra Caetano+ sinal nativo área
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

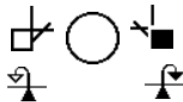
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 03	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Centro
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Cardinotopônimo
Motivação semântica	Centro foi o primeiro bairro da cidade, Moradia da elite, dos trabalhadores da Estrada de Ferro e dos seringalistas sede comercial da cidade.
Tipo de formação lexical	Simples
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/otXujHYenV4	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por uma unidade em duas configurações de mão simultâneas no espaço neutro. O sinal apresenta as configurações de mão nº73 e a configuração de mão 08 com leve toque para dentro da mão de configuração 73, formando o sinal “Dentro”.	
Tipo de formação lexical	Simples
Classificação toponímica (Taxonomia)	Icônico
Motivação semântica	O topônimo centro em Libras é representado através do sinal dentro, apresenta a ideia de que o comércio, os prédios antigos, incluindo o cinema estão dentro de um mesmo espaço físico.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 04	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Cristo Rey
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Hierotopônimo
Motivação semântica	Motivado pela presença de uma Paróquia denominada Cristo Rey.
Tipo de formação lexical	Composta
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/iLVwYfLO6c4	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro, com Configuração de mão inicial nº 05 e 57 com leve todo do dedo indicador na palma da mão com o mesmo movimento alternado entre as duas mãos. Na segunda, ainda em espaço neutro, a mão esquerda na configuração 49 sendo tocada levemente pela direita em configuração 06 em movimento espalmado para baixo.	
Tipo de formação lexical	Composta
Classificação toponímica (Taxonomia)	Calque
Motivação semântica	Tradução direta de “Cristo Rei”
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 05	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Fátima
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Antropotopônimo
Motivação semântica	Homenagem à antiga moradora da cidade.
Tipo de formação lexical	Simple
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/sbq3CoJow60	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 19, um empréstimo do português sem movimento e na segunda utiliza a configuração nº 05 espalmada para baixo em movimento circular.	
Tipo de formação lexical	Composta híbrida
Classificação toponímica (Taxonomia)	Inicializado
Motivação semântica	Motivado pela primeira letra que designa o topônimo.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 06	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Jardim das Esmeraldas
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Litotopônimo
Motivação semântica	Proximidade com a Serra dos Parecis, uma área montanhosa considerada área de turismo.
Tipo de formação lexical	Composta
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/t1EwV3MEmIg	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades sendo uma delas resultante de empréstimo da língua portuguesa. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 66 como movimento semicircular lateral. Na segunda, utiliza a configuração nº 05 espalmada para baixo em movimento circular.	
Tipo de formação lexical	Composta híbrida
Classificação toponímica (Taxonomia)	Inicializado
Motivação semântica	Motivado pela primeira letra do topônimo em português.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

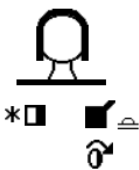
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 07	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Liberdade
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Animotopônimo
Motivação semântica	Faz alusão aos remanescentes quilombolas que migram dos quilombos existentes no Vale do Guaporé para Guajará-Mirim em busca de escolas para os filhos.
Tipo de formação lexical	Simples
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/TtFcz6GX9us	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado de uma unidade no espaço neutro. As duas mãos na configuração 17 com dedos indicadores e polegares unidos formando círculo em intersecção e movimento separando as mãos e}m lados opostos.	
Tipo de formação lexical	Simples
Classificação toponímica (Taxonomia)	Calque
Motivação semântica	Tradução direta de “Liberdade”
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 08	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Nossa Senhora Aparecida
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Hagiotopônimo
Motivação semântica	Santa padroeira do Brasil – Nossa Senhora da Conceição Aparecida – pertencente ao hagiológico católico.
Tipo de formação lexical	Composta
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/yLrCnTkqrGY	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por uma unidade. O sinal inicia acima da cabeça. Na configuração 34 as duas mãos se posicionam lateralmente em movimento da cabeça para os ombros.	
Tipo de formação lexical	Simple
Classificação toponímica (Taxonomia)	Ícônico
Motivação semântica	Motivado pela imagem do véu usado sobre a cabeça da santa.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 09	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em português	Planalto
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Geomorfotopônimo
Motivação semântica	Área mais alta da cidade.
Tipo de formação lexical	Simples
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/a1J7Z0auiXk	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por uma unidade. No espaço neutro as duas mãos estão em configuração nº 01 e 03, realiza um movimento retilíneo em movimento de declinação da esquerda para a direita, que está parada espalmada para a esquerda.	
Tipo de formação lexical	Composta híbrida
Classificação toponímica (Taxonomia)	Icônico
Motivação semântica	Superfície plana com declinação em uma extremidade.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

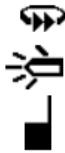
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 10	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Próspero
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Animotopônimo
Motivação semântica	Proximidade com a zona rural, balneários e chácaras.
Tipo de formação lexical	Simple
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/-gsvtu_hUpq	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por uma unidade. O sinal é realizado no espaço neutro com as duas mãos configuradas na posição 55 lados a lado em movimento retilíneo repetitivo.	
Tipo de formação lexical	Simple híbrido
Classificação toponímica (Taxonomia)	Inicializado
Motivação semântica	A primeira letra do topônimo e a avenida de mão dupla do bairro.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

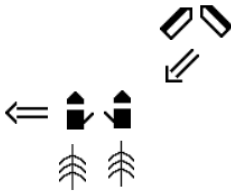
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 11	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Santa Luzia
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Hagiotopônimo
Motivação semântica	Santa Luzia é uma santa pertencente ao hagiológico católico, conhecida como protetora dos olhos.
Tipo de formação lexical	Composta
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/nh9e3AgCA7E	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades. Nas duas unidades o sinal se realiza em espaço neutro com as duas mãos, sendo que na primeira formação, o sinal é produzido com Configuração de mãos inicial nº 09 e 06 representando o comércio da praça do bairro e na formação final ambas as mãos na configuração nº 11 (referência a tomar a cuia de tacacá).	
Tipo de formação lexical	Composta
Classificação toponímica (Taxonomia)	Icônico
Motivação semântica	Reproduz a imagem do comércio e do produto que é vendido lá.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 12	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	São José
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Hagiotopônimo
Motivação semântica	São José é um santo pertencente ao hagiológico católico. Trata-se de uma figura central na tradição cristã por seu o esposo de Maria, mãe de Jesus.
Tipo de formação lexical	Composta
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/0g9Ib36_DHs	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 69 no lado esquerdo com leve toque no peito e final nº65 em espaço neutro.	
Tipo de formação lexical	Composta híbrida
Classificação toponímica (Taxonomia)	Inicializado
Motivação semântica	Primeira letra do topônimo.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 13	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Serraria
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Sociotopônimo
Motivação semântica	É o dia da Proclamação da República sendo portanto, um feriado nacional
Tipo de formação lexical	Simples
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/fBLICFz0gdY	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por três unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com configuração de mão inicial nº 53 e 05. Na segunda com a configuração 03 do lado de fora do antebraço (referência ao sinal rua). Na terceira formação usa-se a configuração nº 68 e 32. (referência ao número 15).	
Tipo de formação lexical	Composta híbrida
Classificação toponímica (Taxonomia)	Icônico
Motivação semântica	Principal avenida da cidade com praças de alimentação.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 14	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Santo Antônio
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Hagiotopônimo
Motivação semântica	Santo Antônio é um santo pertencente ao hagiolégio católico, conhecido como o santo pregador.
Tipo de formação lexical	Composta
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/eqXYwpV5wK0	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 68 e final nº 73 (referência ao numeral 10). Na segunda, a mão está ao lado do pescoço (sem tocar no corpo), em configuração de mão nº 67, e faz um movimento retilíneo, diagonal para cima.	
Tipo de formação lexical	Simples
Classificação toponímica (Taxonomia)	Icônico
Motivação semântica	Alagação durante as chuvas
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 15	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Tamandaré
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Historiotopônimo
Motivação semântica	De origem indígena (tupi) significa “repovoador” ou “amigo verdadeiro”.
Tipo de formação lexical	Simples Híbrida
Topônimo em Libras (link)	<i>SignWriting</i>
 https://youtu.be/QlyYgs-6yzQ	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades. Na primeira, o sinal é produzido em espaço neutro com Configuração de mão inicial nº 68 e final nº 73 (referência ao numeral 10). Na segunda, a mão está ao lado do pescoço (sem tocar no corpo), em configuração de mão nº 67, e faz um movimento retilíneo, diagonal para cima.	
Tipo de formação lexical	Simples
Classificação toponímica (Taxonomia)	Icônico
Motivação semântica	Referência ao point da cidade “Maná” comércio localizado na praça do bairro com venda de açaí.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA 16	
Localização geográfica	<u>Google Earth</u>
Termo Genérico/Tipo de Acidente Geográfico	Bairro
Topônimo em Português	Triângulo
Classificação Toponímica (Taxonomia)	Geomorfotopônimo
Motivação semântica	Recorte espacial do bairro em forma de triângulo, tendo a base iniciada nas proximidades do rio.
Tipo de formação lexical	Simples
Topônimo em Libras (link)	<i>Sign Writing</i>
 https://youtu.be/YvyJtwnn44M	
Descrição do sinal	
O topônimo é formado por duas unidades com utilização das duas mãos em espaço neutro sem contato com o corpo. Na primeira, o sinal é produzido em configuração de mão nº 03 em movimento descendente da direita para esquerda. Na segunda, as mãos estão na configuração 02 espalmadas para baixo.	
Tipo de formação lexical	Composta
Classificação toponímica (Taxonomia)	Icônico
Motivação semântica	Reproduz a imagem das moradias precárias invadidas pelas águas das cheias.
Pesquisadora	Ednéia Bento de Souza Fernandes
Supervisor	Alexandre Melo de Sousa
Data da Coleta	01/09/2025